3 1761 05436809 7

PQ
9261
F49D7

FERREIRA DE CASTRO

O DRAMA DA SOMBRA

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/odramadasombrano00cast

O DRAMA DA SOMBRA

FERREIRA DE CASTRO

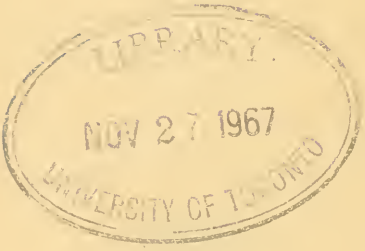
O DRAMA DA SOMBRA

NOVELA

CAPA DE JORJE BARRADAS

Edição
da Empresa DIARIO DE NOTICIAS
LISBOA

PQ
9261
F49Z7



I

Aquela mulher era ali, no Estoril elegante, a maxima fascinação, a serpente de olhos verdes de todos os veraneantes masculinos.

Sua belesa exquisita, suas pupilas estrangeiras, que dir-se-iam extenuadas de tudo haver contemplado, e sua epiderme morena, duma sensualidade tropical, davam-lhe ao perfil peregrino um encanto raro e dominador.

E os seus labios grossos e ardentes, labios de devoradora de desejos, pareciam ocultar um cofre de ignoradas volupias.

E era para abrir esse cofre, para descobrir esse

tesouro, que todos os veraneantes se empenhavam em corteja-la.

Ela, porem, dir-se-ia insensivel aos adoradores da sua belesa e passava entre eles sem desfolhar sequer a rosa dum sorriso e antes pautando os seus gestos por um evidente desdem.

Esta atitude colocara-a como um enigma em frente dos que a cortejavam; e na praia, no casino e nas reuniões particulares, desvendar o seu misterio, o seu passado e a sua identidade, foi desejo de todos.

E até as proprias mulheres, ante aquela belesa estrangeira, vinda talvez de um longinquo continente para afrontar a delas, comungaram na mesma curiosidade dos homens, no mesmo anceio de descobrir a situação perante o mundo da desconhecida.

Mas todos os seus esforços resultavam nulos: sabia-se apenas que ela se instalara ha quinze dias no Grande Hotel de Italia e que viera possivelmente de Paris até ali, pois os rotulos mais recentes das suas malas traziam o nome da capital francesa.

Instados e gratificados para darem novos pormenores, os creados do hotel só puderam facultar aos curiosos as indicações que ela deixara no registo dos hospedes. Chamava-se Rosalia Ramirez e era viuva e argentina, segundo ela propria escrevera.

A sua condição de viuva ainda mais interesse creou na alma dos que a admiravam e ainda mais ampliou a côrte que lhe faziam. Mas ela mostra-

va-se fria, glacial, indiferente a tudo e a todos; não tinha e não procurava ter relações com pessoa alguma; vivia apenas com uma creada, como se essa companhia bastasse ao seu destino de mulher.

Interrogar a serva, ouvir da sua boca o misterio de Rosalia, era preocupação de todos os veraneantes; mas ela mostrava-se adusta, rebelde a qualquer aproximação—mostrava-se tão orgulhosa como a sua propria ama.

Hipoteses de novela se teciam em redor da argentina e ninguem acreditava que aquela mulher, de tão sugestiva belesa, pudesse estar só no mundo; ninguem acreditava que ela pudesse desbaratar sósinha os tesouros do seu encanto. E todos esperavam que dum momento para o outro surgisse no Estoril, ao lado dela, um desses individuos altos, misteriosos e elegantes, que chegam sempre não se sabe donde e que trazem em seu rosto, ora querençoso, ora penumbrado de tedio, essa caracteristica expressão do homem internacional, do homem que já esteve em toda a parte, do homem que já viu tudo.

Mas esse individuo fazia-se demorar: os dias e as semanas iam-se esvaindo lentamente sem que ele chegasse e Rosalia continuava a deambular a sós com a creada, na praia, á hora do crepusculo e furtando-se a qualquer convivencia.

Sabia-se mesmo que uma senhora arrojada, ali

veraneando, a convidára para tomar parte numa festa de beneficencia, prestes a realizar-se no Parque da Duqueza de Palmela, em Cascaes. Mas não fôra feliz, porque Rosalia, com a mesma frieza com que oferecera o seu obulo, de avultada importancia, se recusara a dar a sua presença. E no dia seguinte, encontrando na praia a senhora que a convidara, fingira não a conhecer...

Este episodio tornara ainda mais evidente o desejo que a argentina vinha demonstrando de viver isolada; e tambem adensara o ambiente de intriga e misterio que a envolvia.

Não era crivel—murmuravam todos consigo proprios — que aquela mulher não tivesse coração, que não amasse a alguem, pois sob a sua epiderme devia correr, sempre alvoroçado, o sangue ardente dos tropicos, e os seus labios, que dir-se-iam feitos para crueldades sensuaes, não podiam exilar-se do amôr. Ela tinha, portanto, um misterio, que seria talvez como um grilhão da sua belesa; algo de enigmatico a tornava assim orgulhosa e pouco humana, anistiando-a do convivio social, levando-a a uma vida que era um paramo, onde só florescia, em triste celibato, o seu corpo perturbante. Mas no dia em que alguem lhe tocasse com a varinha magica de todos os encantamentos, ela despertaria, e seus olhos perderiam aquela nevoa de saudade em que se envolviam constantemente, como se contemplassem só coisas mui longinquas; e seus labios li-

bertar-se-iam daquele «rictus» desdenhoso—e ela seria então igual ás outras mulheres, seria igual a todas...

Assim pensavam os veraneantes e, entre eles, dois rapazes, para quem o amor até ali não guardara veto algum, apostaram em conquistar a orgulhosa e singular viuva.

Mas o seu empenho foi inutil: só lhes serviu para arrancar alguns sorrisos de ironia aos que assistiam á luta que entre eles e Rosalia se travou discretamente, silenciosamente. A argentina mostrava-se inflexivel á concessão de qualquer gentilesa e acabara vencendo-os com as suas atitudes de profunda indiferença.

E então, sob o fel do despeito, afirmaram que ela era uma *cocotte* internacional, uma dessas mulheres que levam o amôr venal a todos os pontos do mundo; afirmaram que a sua resistencia perante o amôr que lhe ofereciam, só se dera por que eles não tinham ouro bastante para lhe comprar algumas horas de prazer, mas que ela concederia essas horas ao primeiro banqueiro, ao primeiro homem que a defrontasse, levando na carteira uma fortuna...

Aquele que pudesse transformar as suas mãos numa cornucopia inexaurivel, donde brotassem joias e *toilettes,* quebraria o nobre orgulho da argentina, que era decerto uma dessas aventureiras para cujas façanhas o proprio mundo é pequeno.

Estas afirmações dos dois derrotados pelo des-

dem de Rosalia, correspondiam ao estado de espirito de todos os veraneantes — e todos nelas acreditaram.

Mas, com grande surpresa daquelas gentes que moiam o seu tedio sob a diafanidade do ceu português, no Estoril mundano, dias depois a viuva relacionava-se com um dos veraneantes — precisamente o mais modesto, o mais pobre de todos os que ali se encontravam; precisamente aquele que não lhe podia oferecer nenhuma das joias que ela de quando em quando ostentava.

Como quasi ninguem o conhecesse, creou-se em redor dele um ambiente de curiosidade, a curiosidade de saberem que raros dotes tinha aquele homem, para ser elegido pela estranha argentina.

E quando os veraneantes souberam que ele era um arquitecto ainda sem clientela, por ter conquistado curso mui recentemente; quando souberam que ele vivia com muitas dificuldades e que estava ali a veranear não porque tivesse recursos para isso, mas porque o medico assim lh'o recomendara e que para obedecer a essa recomendação fizera muitos sacrificios; quando souberam que ele chamava-se apenas Carlos Navarro, sem possuir sequer um nome aristocratico a romantisar-lhe a vida precaria, sentiram-se ludibriados por Rosalia. Custava-lhes a admitir que a argentina, com a preferencia que mostrava por Carlos, os obrigasse a modificar o juizo que haviam feito sobre ela; custava-lhes sobretudo a modificar esse juizo e como não podiam

odiar a si proprios, odiavam a Rosalia, agora porque ela não correspondia ás afirmações que sobre a sua vida tinham sido feitas.

Queriam que ela se revelasse uma *cocotte* e fosse uma estafadora do dinheiro dos amantes, para a poderem detestar, para poderem atribuir ao seu orgulho e á sua belesa um intuito mercenario. Mas desde que Rosalia não lhes facultava essa vingança, desde que a não podiam amesquinhar sem ferir os convencionalismos da justiça, sentiam-se melindrados — odiavam-na e entregavam-se a fazer novas hipoteses sobre a sua vida.

—A preferencia que ela mostrara por um homem pobre, repudiando aqueles que lhe podiam comprar as suas horas de amôr, era um ardil levantado a todos os veraneantes, a quem decerto considerava ingenuos, porque nunca puderam viajar como ela, que trazia em suas malas rotulos de todos os hoteis, de todos os caminhos de ferro e de todos os vapores... Mas ninguem devia deixar-se prender por esse ardil, pois em breve Rosalia se desmascararia, elegendo outro homem e abandonando esse anonimo Carlos Navarro, que fôra nas suas mãos mero instrumento duma intenção venal...

Assim suspeitaram os veraneantes e assim o repetiram uns aos outros—mas uma vez mais eles foram ludibriados em suas hipoteses...

Uma semana depois de se ter relacionado com o arquitecto, a enigmatica argentina abandonava o

Monte Estoril, partia, levando consigo aquele homem modesto que não lhe podia oferecer joia alguma, que não lhe podia comprar um unico minuto de amôr.

II

Viajaram muitos dias em comboios e vapores, descançando em hoteis suntuosos, para logo retomarem o policromo caminho por instantes abandonado.

E sob a veemencia do amôr nascente, dir-se-ia nupcial aquela viagem, debaixo da quietude de ceus distantes.

E Carlos deixava-se ir, fascinado pela exquisita belesa de Rosalia e seduzido pelo inesperado da aventura.

Vivia horas de sonho, momentos intensos de novela, e esquecia-se, esquecia-se voluptuosamente da sua vida passada—e entregava seu destino aquele destino errante.

Não perguntara para onde iam; não o quizera saber e todas as palavras que nesse sentido Rosalia pronunciara, ele não as ouvira, não as fixara.

Confiava-se á amante, como a uma bussola. Por

vezes, a vida, com a sua realidade e seus olhos inquiridores, com sua fronte livida e preocupada, saia-lhe ao encontro, numa das esquinas da emoção, mas ele afugentava-a, porque queria continuar sonhando, porque já tinha sofrido muito.

Era como um ebrio de amôr, um sonambulo deambulando por jardins imersos em quebranto.

Tinha sempre para os seus olhos um novo panorama; tinha sempre para os seus labios um beijo inedito nos labios de Rosalia — e isso bastava-lhe.

Por cada caricia das mãos da argentina ele daria a vida; por todas as caricias dessas mãos que nunca se repetiam nos afagos, que descobriam sempre afagos insuspeitados, ele daria o mundo.

Uma tarde, porem, um automovel deteve-se com eles á porta de orgulhoso palacete, rodeado dum parque em flôr.

Desceram do veículo e subiram as escadarias. Ele ouviu o ruido do motor do automovel, que se afastava; viu na sua frente dobrarem-se, solicitos, austeros creados; e encontrou-se depois com Rosalia, a quem naquela casa se obedecia cegamente, num grande, num luxuoso, num deslumbrante salão.

Maravilhado, abandonou o braço da amante e em passos hesitantes caminhou até á larga sacada. Lá ao fundo, para seu extase, havia um mar muito azul e tranquilo, um mar voluptuoso, que dir-se-ia feito de almofadas de veludo.

Voltou-se, então, para Rosalia e ainda assombrado formulou a sua primeira pergunta:

— Onde estamos?

— Na minha casa, em Chipre...

Ele pareceu despertar nesse olhar de duvida e surpresa que fez convergir para a argentina.

Mas já ela se postava a seu lado, murmurando docemente, languidamente:

— Estamos em Chipre, sim, meu amor! Este palacio comprei-o ha dois anos e agora será o nosso ninho, o nosso refugio... Os teus labios hão de sorver aqui os mais preciosos nectares; has de embriagar-te com os aromas mais subtis desta ilha encantada, maravilhosa... Anda... Então? Não me agradeces?

E oferecia-lhe a boca rubra, aquela boca onde se escondia, ardente, intenso, o proprio sol tropical. E ele beijou-a loucamente. E nada mais quiz saber... Porque não continuar o sonho, a quimera evanescente, a quimera que vivia? Porque empenhar-se em conhecer a verdade, em perder-se no labirinto dos pormenores inuteis?

E demorou o beijo, demorou-o muito, como se quizesse sorver a alma de Rosalia por esses labios grossos, humidos e sensuaes, presos entre os dele.

Na sacada havia duas rosas vermelhas, que subiram até ali e que pareciam espreitar...

E desde esse momento, o idilio ampliou-se, tornou-se veemente...

A ilha era para eles como um eden de volupia, um jardim que fora errante—agora encalhado naquele mar estranho.

E percorriam-na pela tarde, devassando-lhe os recantos mais sombrios; olvidando-se do mundo, sentindo que só eles viviam sob a placidez daquele ceu longinquo.

E seus corpos vibravam no grande poema da carne, que nunca se extenuava. E suas almas fundiam-se, ligavam-se, para um adejo unico, interminavel, atravez de horisontes incomensuraveis.

Todos os relogios marcavam para eles horas de utopia, horas isentas de realidade.

Todas as veredas conheciam já òs passos de Rosalia e todas as arvores a tinham visto oferecer a sua boca insaciavel.

Ela esgotava, sem se esgotar, todas as fontes do amôr.

Em seu corpo, os nervos eram cordas duma harpa que tinha sempre novos sons.

E como possuia um pequeno hiate, a seu bordo passavam as horas inefaveis do amôr, aportando a todas as enseadas da ilha, errando depois ao sabor das ondas ou demandando pontos mais distantes, onde a embarcação, vista do caes, era apenas uma espiral de fumo subindo para o firmamento.

Eram dois argonautas da emoção e porque sabiam que a vida os espiava, procuravam fugir-lhe,

massacrando as realidades prosaicas, as verdades dolorosas.

E perpetuavam assim aquele sonho nupcial, embriagando-se na sua paixão — lava ardendo sigilosamente em todas as arcadas da alma.

Rosalia tinha caprichos mui femininos:—uma tarde pedira-lhe que cortasse as patilhas, que lhe davam ao rosto um aspecto antigo e romantico; influia no talhe do seu cabelo; empenhava-se em que ele usasse determinado fato e pouco a pouco ia seleccionando, indicando-lh'as, as atitudes em que preferia vê-lo.

Não consentia que Carlos adquirisse objecto algum para seu uso; era ela quem lh'os comprava, quem lh'os escolhia; e tendo atirado ao mar o relogio de bolso que ele usava, passara dias e dias á procura dum outro, que tardava em aparecer, porque se encarniçava em que esse relogio fosse de determinada marca e feitio.

E uma tarde, ao passar-lhe as mãos sobre a cabeça, numa caricia quasi infantil, lamentou:

— Que pena não seres um bocadinho mais alto!

— Tolinha! — respondeu ele, despreocupadamente, enlevadamente.

Mas Rosalia não sorriu: quedou-se taciturna, a contemplá-lo muito, a analisá-lo demoradamente, como se nunca o tivesse visto ou como se quizesse descobrir nele algo de indefinivel.

— Parece que ficaste triste por eu não ser um gigante...

— Não, não.

— Sou assim tão pequeno, tão anainho?

— Que ideia! Se eu não te amasse totalmente, bastavam-me os teus olhos e a tua boca... Vamos! O carro está á nossa espera...

III

Nunca se preocupara Carlos em desvendar o passado de Rosalia e assim da sua existencia, após dois mezes de ebriedade amorosa, ele sabia tanto como no dia em que a vira pela primeira vez.

Sofrera muito, a vida tinha-lhe infligido já inumeras vicissitudes, para que ele desejasse ainda conhecer os rostos que estão para alem das mascaras, a verdade que fica para lá da Ilusão. Ele sabia que só a ilusão era bela, que só a mentira era voluptuosa e queria viver, até á morte se lhe fosse possivel, aquele amôr sem passado, sem sombras preteritas.

Não lhe interessavam os caminhos que Rosalia havia percorrido até o encontrar; não o preocupava tudo o que ficára para traz do seu amôr; ele só amava a hora em que viviam e o corpo e alma da amante que nessa hora vibravam.

Aceitara a Rosalia como um enigma, como uma fascinação; aceitava-a com o seu misterio, que para ele não o era, pois só ha misterio quando ha curiosidade e a vida ensinara-lhe a não ser curioso. Sabia que ela viajava ha muito, que era rica e que o amava intensamente; sabia o que outros sabiam—e nada mais do que os outros ele desejava saber.

Rosalia recebia muitas cartas, vindas de pontos distantes e apesar dele não conhecer quem lh'as escrevia, nunca lhe perguntava a identidade desses missivistas longinquos. Vivia ignorando o passado da amante e nessa ignorancia queria viver.

Mas uma tarde deu-se a revelação, essa revelação que ele não pedira, que não desejara.

Lia naquela grande sala que mezes antes o deslumbrara, quando notou que Rosalia, sentada num outro divan, o contemplava furtivamente, confrontando-o com algo que tinha entre as mãos.

E ao ver que ele a havia surpreendido, hesitou, encheu-se de indecisão e teve um gesto confuso, como se quizesse esconder as proprias mãos...

— O que é?

— Nada.

— Deixa ver...

— Não, não!

Supôs que se tratava duma dessas surpresas, ingenuas mas plenas de ternura e encanto, que Rosalia de quando em quando lhe fazia; e tocado

tambem de ternura, de alacridade, levantou-se, correu para ela e, enlaçando-a, quiz obriga-la a revelar aquele segredo.

— Deixa-me! Larga-me!

— Não! Has de mostrar... Has de mostrar...

Ela tornara-se austera, contrariada e lutava por desenvencilhar-se dele, por libertar as suas mãos das mãos que a oprimiam.

Mas Carlos não viu nessa resistencia mais do que o desejo de prolongar a surpresa — e rindo-se, forçou-a a descerrar os dedos esguios, levou-a a render-se...

E ela, então, deixou cair sobre o tapete um pedaço de cartão — um retrato...

E os labios de Carlos deixaram de sorrir...

Aquela fotografia, dir-se-ia sua e todavia não o era... Uma extraordinaria semelhança havia, porem, entre ele e o rosto que o contemplava desde a relva do tapete. Os mesmos olhos, a mesma boca; o cabelo aparado como ele o usava agora... Até o sorriso que entreabria aqueles labios era o seu sorriso, o seu mesmo sorriso de triste sensualidade... Aquela fotografia que não era sua, era, contudo, a sua imagem, e ele tinha a impressão de que no tapete havia um espelho que reduzia as imagens a miniatura...

Atonito, com a primeira vibora da suspeita a enroscar-se-lhe no cerebro, Carlos perguntou:

— Quem é?

Ela hesitou em responder; mas já ele se baixava para ler a dedicatoria escrita no cartão.

— Meu marido...

Carlos elevou a vista para Rosalia, detendo-se um instante a fixar a turbação que o rosto dela assinalava; logo volveu a olhar para a fotografia.

A unica diferença que existia entre ele e aquele retrato, estava no busto. O outro tinha-o mais fino —devia ser um pouco mais alto do que ele...

— Teu marido? Mas, então...

— Não me perguntes nada! Não me perguntes nada!

— És casada?

— Fui... Isto é: sim, sou!

A angustia deu a Carlos uma estranha impassibilidade exterior. O seu rosto, pela primeira vez grave durante o cantico de amôr que vinham de entoar, tinha uma friesa escultural e só os seus olhos, fixos nos de Rosalia, brilhavam intensamente —dir-se-iam dois projectores tentando iluminar a alma da amada.

— Nunca me havias dito...

— E para quê? Não te bastava o meu amôr?

— És, então, casada... — repetiu ele, espacejando as palavras e humedecendo-as de ironia.

— Sim, mas estou separada de meu marido... Tinha um genio irrascivel, sabes?

Carlos voltou a dobrar-se, apanhando a fotografia, contemplando-a um momento, indiferente ao

gesto de enfado que Rosalia por tal motivo fizera. Depois, no silencio imperante:

— E onde se encontra ele?

— Ora! Na Argentina... Mas para que queres saber isso, se só a ti eu amo?

— Quero saber tudo!

Estas palavras, que um autoritarismo, de que Carlos vivera sempre exilado, envolvia, irritaram a Rosalia.

— Tudo? Com que direito?

E dominando-se, impondo a vontade ao seu orgulho lacerado:

—Não me faças pronunciar, Carlos, palavras irremediaveis... Entreguei-me a ti sem interesse algum e só porque te amava... Sabes bem que antes de ser tua eu havia repudiado o amôr que outros homens me ofereciam, homens que seriam meus escravos...

— Mentes! Mentes!

— Carlos!

— Eu compreendo agora tudo: os teus beijos, as tuas predilecções, aquilo do fato, do cabelo, do relogio... Mas eu estou doido! Estou doido! Tu nunca me amaste... Fui nas tuas mãos um fantoche, uma sombra.

— Não é verdade! Não é verdade!

Ele teve um sorriso de triste ironia. E atirou a fotografia sobre o divan.

— Não é verdade... E esse retrato? O teu procedimento é indigno...

Rosalia destendeu o braço, agarrou o pedaço de cartão e orgulhosamente, teatralmente, afastou-se. E já á porta, que dava para outro aposento, volveu-se para gritar:

— Sim, sim; estás doido!

IV

Compreendiam que a vida não podia continuar com esse frio, com esse isolamento, dos dias que se seguiram ao estranho episodio.

Ele passara a fazer as suas refeições num *restaurant* e as tardes perdia-as deambulando pela ilha, procurando a solidão — procurando destruir nos caminhos agora trilhados, as pegadas que neles deixara o seu amor por Rosalia.

E só regressava a casa alta noite, para logo se encerrar no quarto, onde a luz não mais se apagava, onde a luz fazia, como ele, vigilia ao coração enfermo.

Telegrafara a um amigo de Lisboa a pedir-lhe dinheiro e só aguardava a resposta para partir...

Mas quando o dinheiro chegou, a resolução de abandonar Rosalia, até ali firme, começara a bruxolear. Sentia que a amava ainda, e que o encanto,

agora rompido, dos dias que ali passara, os dias mais belos da sua vida, o prendiam áquela terra de sonho — como o local do crime ao criminoso...

E em sua alma brotava, ainda indecisa, nublosa, a ideia duma explicação...

Mas logo reagia. Não; o facto era bem visivel; ela não o amava por ele, mas sim pelo outro, pelo marido, que tinha um caracter irrascivel, talvez indomavel, enquanto que ele, dando-lhe a volupia do ausente, se deixava domesticar — terno, pusilanime, covarde!

Perdia-se numa serie de pormenores absurdos, de singulares conjecturas, e ia reconstruindo a vida de Rosalia a perseguir a sombra dum homem que ela amava fisicamente mas cujo espirito odiava, por não poder domina-lo.

E já que esse espirito não era o seu, que estava agrilhoado aos caprichos de Rosalia, e já que o seu corpo, o seu proprio corpo, não era desejado se não porque se parecia com o dum outro homem, a sua dignidade e o seu orgulho impunham-lhe uma separação imediata daquela dupla personalidade.

Assim, na situação em que vivera nos ultimos mezes, ele não era verdadeiramente ele, era a imagem dum outro ser, o unico que tinha individualidade, o unico que era amado. Se o outro não existisse ou se tivesse um espirito submisso a todos os caprichos femininos, nunca aquela mulher pertur-

bante lhe daria os seus labios, a sua explendida belesa—os melhores dias da sua vida.

Ele era a caricatura desse argentino irrascivel, a quem instintivamente odiava; era a caricatura e estava recebendo caricias que não lhe pertenciam, caricias que se desfolhavam em homenagem ao outro...

Por vezes a sua sensibilidade exasperava-se e ele sentia-se dividido: — metade em Chipre, metade na Argentina, em logar incerto, talvez nos pampas, recortando-se ao lusco-fusco, sobre um cavalo, na distancia da planicie, ou trilhando as ruas de Buenos-Aires, sorrindo-se desdenhosamente ao recordar-se de Rosalia, que escravisava a outra parte de si proprio, aquela que estava ante o Mediterraneo...

E agora a propria eleição que Rosalia dele fizera, no Monte Estoril, o humilhava, porque não fôra ele mas sim o fortuito acaso de sua semelhança fisica com o outro, que a levara a escolhê-lo entre tantos homens que lhe ofereciam uma vassalagem amorosa sem condições e uma fortuna sem limites.

E humilhava-o mais a despreocupação que tivera para a sua vida material nos ultimos mezes, despreocupação que lhe tirava até a sua categoria de homem livre, tornando-o objecto, algo que se paga e de que se dispõe incondicionalmente.

Como, se conhecesse a sua historia, o havia de

julgar ridiculo, asqueroso, esse marido de Rosalia, que vivia na Argentina, talvez mesmo indiferente ao sortilegio de sua mulher!

Não; não podia ficar ali; devia partir imediatamente para olvidar aqueles dias de sonho—sonho de amôr, agora transformado em pesadelo!

Nada de explicações: — um selo a fechar as bocas, que já não podiam dizer outras palavras que não fossem de sentido inconfessavel...

... Mas aquela manhã, ao abandonar o quarto, aquela manhã que era vespera de partida, Carlos veio encontrar na sala a Rosalia.

E ante a hesitação dele, ante a perplexidade que mostrava em tomar qualquer atitude, ela exclamou:

— Carlos! Carlos! O que fazes? Mas se eu te amo loucamente! E queres deixar-me? Sim, sei que queres deixar-me! Carlos!

Despira a couraça do orgulho e os seus movimentos agora eram convulsos — dobrava-se, beijava-lhe as mãos, abraçava-o, e sob o desespero, o seu corpo perdia todas as linhas, e dos seus olhos tombavam, ardentes como essas gotas de cêra que se desprendem dos cirios, as perolas das lagrimas.

— Não me deixes, Carlos; não me deixes! Não posso viver sem ti!

— E eu não posso viver contigo...

E como ela, humilde, soluçante, ficasse a con-

templá-lo, assombrada e muda, a alma dele comoveu-se e perdeu a sua austeridade, deixando que o cerebro fosse peanha do coração. E a sua voz, já ungida de emotividade, balbuciou:

— Bem vês... A vida assim seria insuportavel, indigna de mim... Pensei muito, sofri muito nos ultimos dias e...

— E...

— ... Parto ámanhã.

— Não farás isso! Tambem eu sofri, tambem eu não tenho dormido nestas ultimas noites. E todavia aqui estou, transigindo com o meu orgulho, implorando-te... Carlos!

— Não, não! É inutil insistires. Já ha muito tempo eu devia ter partido. Assim teria do nosso convivio uma impressão inesquecivel, enquanto que agora... Mas não falemos mais nisso. Acalma-te. Vou sair... Dar um passeio...

Furtou as suas ás mãos dela e tentou atravessar a sala. Mas Rosalia detinha-o, prendia-o — o peito arquejante, os olhos suplices e uma perna firme sobre as almofadas.

— Escuta-me, Carlos. Dir-te-ei tudo, tudo! Eu não sou casada. Ha dias menti-te. Eu sou viuva...

Magicamente os pés dele hesitaram, pararam — mas logo nos labios desabrochou, ironico, o nenufar da duvida...

Então, veementemente, atropeladamente, como se entre o turbilhão das palavras estivesse aquela

que o devia convencer para sempre, essa palavra que tinha de ser pronunciada antes que ele alcançasse a porta, ela disse:

— Tenho ali as provas, os meus documentos! Tenho-os ali! Podes vê-los... Sim, menti-te; sou viuva! Viuva ha tres anos... E só a ti amo, acredita! Escuta-me e depois ajuisarás...

E chorava, chorava desesperadamente.

Ele, já afastado, teve um gesto de contrariedade, logo de dominio sobre si proprio. Atirou sobre um divan o chapeu e a bengala; meteu as mãos nos bolsos e principiou a cruzar a sala dum lado para o outro — segundos, minutos, que decorriam sob os soluços de Rosalia.

O veludo roxo dos reposteiros, tornara-se vermelho, esponjoso, e entrava-lhe pelos olhos...

Depois, resolutamente, Carlos caminhou para a amante.

— Dize.

— Sobre o meu *toilette* estão varios papeis que te provarão a verdade das minhas palavras... Podes ir vê-los...

— Não me interessam. Fala tu...

Primeiro com frases curtas, reticenciadas, hesitante em encontrar a ponta do novelo do seu amor; depois com ardencia, exuberantemente, sinceramente, sem palavras escolhidas, sem intenções reservadas, ela desvendou-lhe os ultimos anos da sua vida.

Casara por paixão e desejo, casara com o

unico homem a quem podia amar deveras, o unico que o mundo reservara para ela. Muitos lhe disputavam a fortuna e a beleza exquisita; muitos, mas entre todos eles, só aquele guardava o segredo da fascinação masculina, só aquele tinha os labios em fogo e o espirito livre para largos adejos atravez dos ceus da Quimera. E o seu noivado fôra isso: um vôo pelos ceus da Utopia, um vôo entre astros e estrelas — aguias atingindo altitudes inacessiveis, colibris beijando rosas vermelhas dum enlanguescido jardim.

Ela amava-o integralmente, amava-lhe o corpo e a alma; compreendia que o amava com obsessão, porque nunca lhe encontrara defeitos, porque o tinha como um idolo e porque todo o amor que não é obsessionante, rebelde á analise, ás verdades prosaicas, não é amor...

Couraçados assim perante a vida, eles haviam percorrido todas as sendas da emoção, sendas liricas, floridas, sendas que agora se cruzavam em labirinto neste entardecer da sua alma desvairada. Ah! Jurava que a felicidade não era um mito, pois ela conhecera os seus beijos e bebera o nectar das suas taças!

Mas era, sim, uma realidade efemera, uma verdade-mentira, um sonho, um atordoamento dos sentidos—não o sabia bem... Quando se supunha ter nos braços o seu corpo, abraçava-se já uma sombra fugidia...

E assim vivera e morrera a sua felicidade. Visão multicolôr atravessando um parque enluarado, silente...

Uma noite, no *hall* dum teatro de Buenos-Aires, na confusão da saída, fôra arrastada pelos espectadores que demandavam apressadamente a rua, afastando-se assim alguns passos do marido.

Então, julgando-a sósinha, um individuo novo, que saía tambem do teatro, dirigira-lhe um galanteio equivoco. Mas o marido, que já se aproximava, surpreendera aquelas palavras. Indignado, vibrante pela ira, castigara, esbofeteando-o, áquele homem. Deu-se a luta, porque o outro, humilhado, quiz desafrontar-se. E debalde as pessoas que saiam tentaram intervir. A scena durou minutos, instantes apenas. Castigado pela segunda vez, o insolente recuou, levou a mão ao bolso, ergueu o braço — esse braço fuiminador que jamais ela olvidaria, jamais!...

E ouviu-se um tiro...

Quando os presentes, alarmados, volveram a fixar a scena, o marido dela arqueava o busto, levava as mãos ao peito, contorcia-se e logo tombava ao longo da escadaria...

Sobre o marmore não brilhava uma unica gota de sangue. Apenas a ponta dourada dum cigarro, que um espectador descuidoso para ali atirara, se queimava lentamente, mui lentamente, exalando uma espiralsita de fumo...

A bala alcançara-lhe o coração — aquele nobre coração que a amara até ao delirio e que ela idolatraria até á Eternidade. De sangue só uma rosa, sob a camisa...

E fôra isso que perpetuara para sempre, sem nenhuma recordação lamentavel, o seu poema de amor.

Se o tivesse visto sangrento, horrivel, desfeado pela morte, ou se o visse morrer lentamente, definhar dia a dia, enlividecer, por uma dessas doenças inexoraveis, que não perdoam a vida mas que a ampliam para que com ela se amplie a dôr humana, talvez uma dessas ultimas visões atenuasse a veemencia do seu amor, que já só podia viver pela veemencia das recordações.

Mas não. Mesmo exanime, o corpo dele mantinha a elegancia, a rara distincção das horas do amor e o seu rosto palido dir-se-ia espiritualisado, entrando na morte com a mesma euritmia com que atravessara a vida. Ah! Ele não era um cadaver do qual se avisinhavam os vermes; ele era um corpo que esfriara, que tomara a rigidez do marmore — era uma estatua jacente que ia padroar um tumulo...

Como não amal-o assim, sempre, sempre, eternamente — como não amal-o se dele nada ficara a afrontar-lhe a memoria, se tudo o que dele ficara era verdadeiramente imperecivel?

Como amar a outro homem, se para ela só o morto simbolisava o amor?

E comtudo sentia ser esse amor indispensavel á sua juventude, sentia os seus labios em fogo ao evocar a volupia dos beijos...

Um dia, porem, surgira-lhe uma ideia singular... E para a realisar ela abandonara Buenos-Aires, onde já agonisava, onde já recolhia ao arquivo dos factos que só se rememoram de tempos a tempos, o escandalo que o episodio ocorrido no teatro provocara.

Ela necessitava de amar, de amar muito, loucamente, intensamente — com a veemencia da sua alma e da sua carne tropical.

E necessitava de ressuscitar o morto, porque só ele podia dar-lhe o amor que ela buscava — necessitava de reencarnal-o em algum outro homem que encontrasse ao longo do caminho...

E dedicara-se a viajar, pesquisando no mundo aquele que fosse a imagem do esposo assassinado.

E durante muito tempo a sua vida decorrera em compartimentos de comboios internacionaes, no convez de grandes transatlanticos e em quartos e *halls* de hoteis cosmopolitas.

Singrara todos os mares, aportara a todos os continentes, enebriando-se com a musica da longitude infinita.

Passeara o seu tedio por praias elegantes, por cidades rumurosas — e muitas vezes a sua alma se enlanguescera sob os mais distantes ceus.

Alguns pares de malas com muitos rotulos, a

velha creada — e o amor buscando afanosamente, intranquilamente, quem o pudesse compreender...

Mas em parte alguma encontrara esse homem que ela anelava — esse homem que para ser querido devia ter o mesmo aspecto fisico do marido que a morte levara.

Quantos caminhos percorridos á procura dessa imagem que só vivia em sua mente — e vivia para não mais desvanecer-se!

Todos os homens lhe apareciam diferentes daquele que ela desejava e para eles, então, ela não tinha mais do que indiferença.

E se algum aparentava semelhança com o morto, logo essa semelhança, porque era vaga, incompleta, a desiludia e a entristecia ainda mais. E se dera, no alvoroço da descoberta e antes duma analise profunda, alguns momentos de amor a esses desconhecidos, logo se arrependera e logo os abandonara — certa muitas vezes de que no peito deles deixara crepitando a fogueira da paixão.

E nessa vida errante, nessa vida de coração nomada, chegara a convencer-se de que não mais encontraria o homem que procurava. E o mundo, então, parecia-lhe pequeno — pequenos os mares e as cidades, indignas de seus olhos as paisagens bucolicas, odiosa a civilisação e o tipo de todas as raças — dessas raças que não tinham, nenhuma, nenhuma! o homem que a sua carne e a sua alma almejavam.

Enovelara-se, então, de preocupações pueris, interessando-se até pelo numero de individuos de que se compunha a humanidade. E o seu espirito torturava-se ante a incerteza de encontrar entre os 1.660:000:000 que habitavam o mundo e que estavam catalogados, aquele que havia de ressuscitar para ela as horas febris de felicidade que vivera com o marido...

Todavia, um secreto pressentimento indicava-lhe o Mediterraneo, as suas praias elegantes, como o ponto onde deviam aparecer, vindos de qualquer parte exotica da terra, enrugados pelo tedio do cosmopolitismo, os labios que apagariam a sede dos seus labios.

E para que o falecimento desse tedio no homem tão largamente anciado, tivesse um scenario condigno, ela comprara aquele palacio em Chipre. E para ninho de caricias, para salão das mil e uma noites do amor, ele ficara destinado.

Mas não lhe deram as praias do Mediterraneo esse homem que dir-se-ia só viver no seu espirito, como uma projecção do passado ou de alem-tumulo.

E a duvida de o encontrar adensara-se, viera o desespero supremo — e ela chorava, chorava... Assistia á agonia da sua juventude, sem a poder entregar em oferenda rara, ao homem que ela tinha elegido, ao unico homem que a podia receber!

Foi então que pensou em Portugal, de que lhe haviam falado vagamente — e ao qual ela só mui

vagamente tambem de nome conhecia... Pensou no Estoril... Não encontraria nesta praia, de caracter para ela indefinido e á qual atribuia esse inefavel exotismo de tudo que está distante e ignorado, o homem que procurava, a imagem do seu marido?

Viera, mas sem muitas esperanças, porque muito já ela estava desiludida. Viera atraz da ultima estrela que brilhava no firmamento, já negro, da noite da sua vida.

E o resto já ele o sabia... Encontrara-o no fim do seu caminho, encontrara-o quando ia principiar o deserto interminavel...

E agora que lhe descerrara a alma, agora que acendera todas as lampadas do tunel do seu passado, agora que o tinha para ela, não queria ser repudiada, não o podia ser — pois os seus labios, para viverem, necessitavam dos labios dele. Que a martirisasse, que a escravisasse — ela pertencia-lhe e todas as algemas que dele viessem seriam como aros nupciaes!

E podia tranquilisar-se, cercear as raizes dos seus escrupulos, porque ela amava-o intensamente, desvairadamente. Quando o encontrara, era certo, só vira nele a volupia que lhe daria a sua estranha semelhança com o marido, com a sombra que ela amava. Mas depois, ao conhecer os tesouros do seu espirito, amara-o tambem com uma paixão indestrutivel, veemente, que não só revivia o amor pas-

sado como até o amesquinhava pela sua intensidade...

Ante estas confidencias, comovido, impressionado, a alma transbordando novamente de paixão por essa mulher orgulhosa que em homenagem a ele se humilhava até ás lagrimas, até revelar-lhe a sua vida intima, Carlos invalidou a resolução anterior e resolveu ficar, não mais partir, resolveu oferecer de novo os seus labios aos labios insaciaveis de Rosalia.

V

Mas não mais a tranquilidade volvera á sua alma... Não mais a sua razão se embotara sob o enebriamento que presidira aos meses primeiros do seu amor... Sobre a carne adormecida, a sensibilidade, insone, fazia largas vigilias. E tinha estranhas vibrações. E nela, como numa placa de gelatina, vinham cair e prender-se atomos de sofrimento, vozes intimas, asas de ilusões mortas.

E com o decorrer dos dias formara-se em seu espirito esta pergunta, que dir-se-ia pueril, mas que o obsessionava, que o enchia todo:

— Era irrascivel ou delicado, o defunto marido de Rosalia?

Procurava resistir a obter uma resposta — resistia para não quebrar o artificial encanto das horas que eles viviam.

Mas o misterio atraia-o e a duvida torturava-o. E uma tarde, lutando pela tranquilidade perdida e na esperança de deter o vôo doloroso da sua inquietude, ele fizera a pergunta...

Rosalia não vira em que aguas profundas mergulhava o anzol daquela interrogação. E reabilitando a memoria do marido, afrontada por um momento de nervosismo mentiroso, respondera alvoroçadamente que ele nunca fora irrascivel, que o seu espirito era, pelo contrario, duma grande ternura, duma singular elevação e duma delicadeza ilimitada...

— Só tu podeste igualar essa alma extraordinaria — e por isso eu te amei! — concluira ela.

Quando da boca de Rosalia se despenhavam estas palavras, desmoronou-se tambem a ultima possibilidade de Carlos continuar aquelas morbidas relações...

Esperava que tivesse qualquer coisa a distinguil-o do outro, qualquer coisa que ao ser amada por Rosalia, desse a ele personalidade. Mas agora, ao constatar que a semelhança não era somente fisica mas tambem espiritual, agora que essa semelhança era identificada pela amante, rompia-se

o ultimo aro daquele amôr absurdo. Quizera que amando-lhe ela o corpo em recordação dum outro homem, lhe amasse ao menos o espirito por ele proprio — só por ele, só por ele! Sim; alguma diferença haveria; o mundo da sua alma não podia estar catalogado sob uma simples etiqueta, mas ele tambem não poderia precisar quando as suas palavras, os seus gestos de carinho, as suas atitudes moraes, eram diferentes das do outro, ou eram absolutamente identicas. Para Rosalia seria o mesmo espirito carinhoso, terno, do marido assassinado — e as *nuances* desapareciam sob o amor global que ela lhe tributava. E ele nunca saberia quando era mais ele ou quando era mais o outro...

Contudo, a ideia duma separação, que para ele seria a libertação, repugnava-lhe, pois compreendia que ela o amava deveras — sinceramente, verdadeiramente. E na esperança de que as proprias circunstancias dessem áquele amôr um desfecho generoso, quedou-se ao lado de Rosalia, esforçando-se por mascarar a sua oculta tortura.

E entregou-lhe os seus labios onde já não havia febre de desejo, mas somente piedade pela sede que queimava os labios dela.

E da sua resignação tentou fazer um estandarte de triunfo sobre si proprio.

E procurou que fossem de calma espectativa os dias que se seguiram.

Mas não podia! Não podia! Para a sua alma

esses dias eram foscos, tristes e angustiosos. Não se dera a espectativa, mas ampliara-se a inquietude. E a sua sensibilidade atravessava já as fronteiras do Absurdo.

Tinha momentos em que se não conhecia, em que duvidava da sua existencia e da autoria dos seus raciocinios. Tateava-se então: — suas mãos nervosamente procuravam a realidade fisica. E uma tarde, ao aproximar-se do espelho, receiara ver no seu corpo o esqueleto do outro... E muitas noites, ao despir-se, retinha as roupas prestes a cairem, temendo que as pernas já estivessem descarnadas...

Sofria horas de absoluta despersonalisação, horas em que o seu cerebro não podia dominar a ideia feita da sua semelhança com o morto... E então pisava forte, para convencer-se de que não era tambem um fantasma, de que não era a sombra do outro...

Ante os moveis mui pulidos, ante os lagos e os cristaes, ante tudo que pudesse reflectir a sua imagem, semi-cerrava os olhos — e assim, durante um jantar, como episodio comico do seu estado de alma dramatico, quebrara, ao pousá-la, uma taça por onde acabara de beber. Ao ver-se reflectido, sentia-se simultaneamente ausente, vivendo num paiz que não era o seu uma vida que não era dele, mas sim a do outro — a do assassinado... E que faria esse homem durante os anos que vivera? Tentava reconstituir-lhe a existencia e emparelhando

datas, punha-a em confronto com a sua—mas logo as duas figuras se confundiam e esfumavam em plena alucinação.

E agora era com a boca fria dum morto que ele beijava a boca ardente de Rosalia.

Quando ela lhe estendia, nus e coleantes, seus braços sensuaes, ele esperava sempre que esses braços se cruzassem no ar, fechando-se sem o estreitar, depois de terem lacerado uma sombra, um fluido...

E uma tarde, deambulando pela ilha, detivera-se subitamente, ao ouvir uns passos que soavam á sua retaguarda. E como se uma faisca houvesse inflamado a polvora das sensações imprevistas, com essa mesma impressão que deixa nas multidões desprevenidas o magnesio dos fotografos, ele pensou:

—E se fosse o outro? Se fosse o morto?

Voltou-se para logo ficar hirto, estarrecido.

Não se enganara, não se enganara! Era precisamente um homem parecido com ele, um homem que devia ser... que era certamente o outro... o defunto marido de Rosalia... o homem que lhe vinha seguindo as pégadas...

E ao passar por ele, esse ser inacreditavel, contemplara-o com curiosidade, quasi provocantemente—e depois afastara-se, seguira o seu enigmatico caminho, com um sorriso de ironia a preguear-lhe os labios...

— Estou louco! Estou louco! — gritavam no cerebro de Carlos o pavor e o assombro.

E quando o vulto do outro desapareceu numa curva da vereda, quando seus passos deixaram de se fazer ouvir, Carlos, sentindo o corpo mui leve, frio, quasi volatil, e a terra que pisava transformada em algodão em rama, em espuma, dirigiu-se para a parte mais habitada da ilha.

E seus olhos demandavam o sol poente, para se encherem de luz — para aniquilar o fantasma que os ensombrava. Mas logo, covardes, receiosos, esquadrinhavam todos os pontos em redor, enquanto o cerebro enfebrecido os preparava e encorajava para a possibilidade duma nova aparição...

Por fim, num *bar,* ao ar livre, ele sentou-se e pediu um gelado. Na amenidade da tarde, dum roseo-ouro, a sua alma e o seu corpo anelavam gelo, muito gelo — um leito de neve, uma hora passada entre os brancos e fataes lençoes da Siberia.

E já os longos braços da noite despejavam sobre a terra, lentamente, mui lentamente, a sua cornucopia de pó negro, deixando que esse pó se arcoirisasse pelos ultimos raios de sol, quando ele regressou a casa.

Vinha exausto — exausto com o torbelinho das sensações e com a luta mantida pela sua razão para justificar o episodio de ha pouco.

Mas uma nova surpreza o aguardava ali...

Ao atravessar o corredor, ouvira Rosalia exclamar nos seus aposentos:

— Nada quero saber! Nada!

E logo uma voz masculina, responder:

— Mas eu é que desejo que saibas... que você saiba...

— Vá! Peço-lhe que saia! Não queira que eu fique com uma impressão desagradavel de si. Depois, o meu marido está a chegar...

— Rosalia! Porque me tortura?

Com a respiração suspensa, quasi automaticamente, sentindo que as paredes do corredor se alargavam e se desvaneciam, Carlos avançou para aquela sala.

Seus olhos iam aptos a encontrar, sem surpreza, a imagem de Rosalia, de pé sobre o tapete... Mas o outro, a voz masculina?

Ao afastar o reposteiro, os nervos crisparam-se-lhe sob um forte arrepio. E suas pupilas hesitaram, duvidaram de si proprias — e no cerebro cairam as mesmas palavras de ha pouco:

— Estou louco! Estou louco!

Na sala viu o mesmo homem que ele encontrara de tarde, numa vereda da ilha, esse homem que dir-se-ia uma duplicata do seu proprio fisico. Estava de pé e o seu vulto recortava-se proximo da janela, sob as ultimas claridades do dia moribundo.

Novamente Carlos se perdeu num turbilhão de ideias e sensações desvairantes. E como relampa-

gos, ziguezagueavam em seu cerebro extravagantes perguntas: «É uma alucinação? É o morto? Ou... Rosalia mentiu-me mais uma vez? Este homem será o seu marido? Mas não, não... Estou doido!»

Eles, ao verem-no entrar, quedaram-se silenciosos, com nobre atitude de impassibilidade ante aquela imprevista scena.

Depois, numa subita resolução, Rosalia disse:

— Boa tarde, cavalheiro.

Calmamente, para não dar á saída o sentido duma fuga, o outro dobrou-se em respeitoso cumprimento e partiu.

E na sala ficou uma grande expectativa e o silencio que precede as explicações inevitaveis.

Todavia Carlos nada perguntou. Deu alguns passos, deixou-se cair num divan e tombando a cabeça sobre o peito, ficou abstracto, mudo, a meditar, a meditar.

De pé, sem um movimento, Rosalia contemplava-o, silenciosa tambem.

E veio, então, até eles, forte, ecoando por toda a casa, o ruido do portão do jardim ao fechar-se sobre o outro — sobre esse que deixara, ao retirar-se, aquele ambiente que agora os sufocava.

— Carlos...

Ele ergueu os olhos — uns olhos moles, vagos, sem expressão...

— Esse homem, Carlos, é um aventureiro, um homem indigno. Não te deves preocupar com ele.

Conheci-o uma tarde, em Trouville... Eu andava cançada já de procurar aquele que a minha alma e a minha carne desejavam... E iludi-me. A sua semelhança fisica com o meu defunto marido fez-me supôr... Mas não. As nossas relações duraram um só dia. Algumas horas apenas bastaram para me convencer de que esse homem não merecia o meu amôr. Era um jogador profissional, um explorador de mulheres... Depois, quando o pude analisar em detalhe, verifiquei que a sua semelhança... era aparente, grosseira, incompleta... Para lhe fugir abandonei Trouville e de novo volvi a procurar, a procurar... a procurar-te, meu amôr!

Ele continuava abstracto, indiferente, os olhos fixos, como se estivessem mortos, sobre os joelhos...

— Como soube que eu vivia agora aqui, veio tentar reconquistar-me. Mas eu disse-lhe que me casara, que tu eras meu marido e que era inutil, portanto... Não mais nos incomodará! Era ele quem escrevia essas cartas que ultimamente eu vinha recebendo...

Com o seu mutismo, com a sua ausencia de interesse pelo que Rosalia dizia, Carlos dificultava o desenvolvimento da explicação — o afastamento daquelas sombras que bailavam entre eles, que se avultavam, ocupando a sala, entenebrecendo as almas.

— Carlos! Dize alguma coisa! Fala! Bem vês que não sou a culpada...

De novo ele ergueu os olhos, ainda incertos, inexpressivos, exaustos—e murmurou:

— Deixa-me! Deixa-me! Peço-te!

VI

Dias depois Carlos embarcava, deixando a classica carta dos que se suicidam ou dos que partem sigilosamente, fugindo a um drama e levando uma covardia...

E aquilo era uma fuga—uma fuga de si proprio, da sua loucura, do seu amôr por Rosalia.

E tambem se sentia covarde, sentia-se mais covarde agora, que o seu gesto era irremediavel—agora que o navio, entre a musica das ondas mediterranicas, rumava a Marselha. Compreendia, nesse instante em que o espirito voltava á normalidade e que se perdia já na distancia o vulto de Rosalia, que essa mulher o amava com veemencia, embora o seu amôr fosse pautado por extranhas morbidezes; compreendia, enfim, que ela fora sincera em seu ardor e alheia a esse bosque de sensações alucinantes onde ele se perdera, onde ele se alucinara. Mas compreendia tambem que esse amôr era inconjugavel com a sua sensibilidade e que só podia

florescer á sombra do passado de Rosalia — esse passado que o absorvia, despersonalisava, e que o ia enlouquecendo. Um deles tinha de ser sacrificado, tinham mesmo de se sacrificar os dois: — ela pelo seu amor insaciavel, ele pelo horror que a sua situação lhe causava. Que esse sacrificio tivesse, pois, a torná-lo voluptuoso, a enobrece-lo, a distancia, a ausencia...

E entristecia-se ante o fumo que se desprendia do cano do navio para a quietude do ceu e ante a estela que ficava á popa — estela refulgente, agua passada a ferro, que os separava, que os distanciava um do outro, para sempre, para sempre...

E sentia que essa libertação que a si proprio impuzera não era completa — algo ficava ao longe, entre os vergeis da ilha maravilhosa, entre as almofadas e os «divans» do palacio miliumanoitesco onde ele gosara o mel do amôr nos labios de Rosalia.

E vinha-lhe um grande abatimento moral — penumbra no espirito, vacuo, desolação. Tinha vontade de refugiar-se em Lisboa — e tinha desejos tambem de não vir, de vagamundear ou de esconder-se nem ele sabia aonde...

E assim, uma tarde desembarcara na estação do Rocio. Tudo velho, a cidade com o aspecto de sempre; as mesmas taboletas dos predios — algumas das quaes, de tanto vistas, de tão repetidas, se tinham regravado nas placas da memoria.

Um *taxi* levou-o ao Lumiar e dali a sua casa, na Charneca — e ele sempre com a mesma solidão na alma!

Os paes e a irmã, com seus abraços, suas ternuras familiares e suas perguntas anistiadas de discreção, deram-lhe, desde que ele abandora Rosalia, o primeiro momento de alvoroço.

Mas passado o entusiasmo inicial, saciada a curiosidade da familia com ingenuas e mal arquitetadas mentiras, ele volveu á tristeza e ao abatimento dos ultimos dias.

A casa era simples, modesta, mas nela havia muito sol pela manhã e em seu redor velhas arvores murmuravam nostalgicas canções, quando o vento as osculava.

Ele preferia a varanda e ali, numa cadeira de lona, a mão pousada sobre o gato que vinha enrodilhar-se-lhe nas pernas, passava largas horas.

Tinha agora amnesia e lapsos na sensibilidade — e quando os seus nervos e a sua memoria readquiriam vida, o espirito perdia-se, atonito, na selva das recordações.

Debalde tentara trabalhar: — os seus projectos duma arquitetura percursora que superasse o genio do passado, revelando definitivamente o genio contemporaneo, jaziam inconcluidos, encarquilhados, em velhas prateleiras. E com eles estavam adormecidos os seus sonhos de triunfo, os seus anelos de gloria.

O entibiamento de espirito fazia-se acompanhar duma grande lassidão fisica — e a familia receiava que surgisse, agravado, o mal-estar que o obrigara a passar o verão na praia, junto ao mar, com sacrificio economico de todos eles.

Mas não lh'o diziam, não falavam sequer directamente do seu estado, por que ele exaltara-se no dia em que alvitraram a intervenção dum medico — exaltara-se declarando que a sua enfermidade estava fora dos limites da medicina.

E todas as suas horas eram incoerentes, impares: — ou exigia que o deixassem sósinho, ou pedia á irmã que viesse para o seu lado, que costurasse ali, na varanda amiga—plena de silencio e amenidade quando a tarde agonisava.

E Helena, cheia de disvelo fraternal, trazia tambem muitos livros e lia-lhe poemas ou romances ou ainda essas obras tecnicas, obras sobre arquitetura, que ele fora acumulando desde que se formara — lia até que no rosto dele se desenhassem as rugas do enfado.

E era uma sombra carinhosa, quando as sombras da noite se projectavam na varanda — e tinha de arrastar a cadeira de lona até aos aposentos, para que ele não quebrasse o seu entorpecimento.

E uma tarde trouxe-lhe, com passos mui leves, a Maria Luiza — sua companheira de infancia, sua visinha, agora no apogeu da juventude, uma juventude de beleza discreta mas perturbante:

— Não incomodo? — perguntou ela desde a porta, enviando-lhe um sorriso dôce e meigo.

— Não — respondeu ele, por cortesia, mas sentindo-a importuna, inimiga da sua quietude e lamentando no amago da alma aquela iniciativa da irmã.

As duas entraram, sentaram-se sobre o proprio soalho da varanda e as suas mãos dedicaram-se a trabalhos de costura.

Dentro do cesto, trazido por Maria Luiza, havia duas maçãs, mui vermelhas, nas quaes os olhos de Carlos pousaram, suavemente.

E logo a irmã, como Maria Luiza ensaiasse uma conversação, disse-lhe:

— Lembra-te do que te pedi...

— Ah!

— O Carlos não gosta de ruido...

Ele compreendia a defesa tomada por Helena, compreendia que o amor fraternal lançara um veto ás palavras da amiga, apondo um selo nos labios de Maria Luiza — mas nem por cortesia pensou em quebral-o. Era-lhe grato o silencio, mesmo quando não fosse possivel a solidão.

Em breve, porem, Maria Luiza olvidava a promessa feita. E frescas, ligeiras, encantadoras, as palavras brotavam da sua boca como duma fonte — musicalmente. Brotavam até que um *schiu!* mui baixinho, de Helena, lhe recordava a presença de Carlos.

Novo silencio, a atenção volvida para as mãos

trabalhadoras ; novas palavras e novos *schius*...

Por ultimo, com um sorriso a rejuvenescer-lhe o rosto, Carlos disse á irmã:

— Deixa-a falar...

— Ora até que enfim! — exclamou Maria Luiza, com extranha jovialidade.

E não mais naquela tarde a varanda esteve silente, o que fez os paes de Carlos virem até ali, primeiro receiosos daquele ruido, logo surpreendidos com a aquiescencia do filho.

E tambem ele se surpreendia ante o enlevo que o ia dominando, ante a volupia com que escutava agora as palavras, entrecortadas de risadas, de Maria Luiza. E embora não compartilhasse da conversação, estimulava-a com um sorriso acolhedôr e com a atenção que lhe prestava.

E como os seus olhos pousassem novamente sobre as maçãs vermelhas, dum vermelho exaltante, perguntou, indicando-as:

— Para quem são?

— Para quem haviam de ser? Para mim e para Helena — respondeu Maria Luiza com ligeireza.

— E se eu lhe pedisse uma?

Ela tornou-se subitamente, graciosamente, austera:

— Pode fazer-lhe mal!

— Não, não creio...

Quizeram, com a maçã, dar-lhe uma faca, mas ele recusou:

— Não; assim como quando eramos pequenos e iamos ali, ao quintal do Martins...

E os seus dentes fundiram-se na fruta e os seus labios desmaiados roçaram a casca rubra.

E ao crepusculo os proprios paes vieram sentar-se na varanda, com a alma fremente de alegria ante aquela metamorfose de Carlos.

E quando a noite se aproximou, quando Maria Luiza, agarrando o cesto, pronta já a despedir-se, lhe perguntou se o não enfadara, ele respondeu sem esforço — com sinceridade:

— Ao contrario, ao contrario! Eu é que a devo ter enfadado com a minha... neurastenia.

Ela saiu e nos olhos de Carlos, agora semi-cerrados, bailavam, confundiam-se com o vulto esfumado de Rosalia, panoramas de Chipre e aspectos do palacio deslumbrante onde esgotara a taça dum morbido amôr — um amôr quasi impossivel, tão quimerico e raro que ele duvidava já de o ter vivido...

VII

AGORA Maria Luiza vinha todas as tardes e ficava, ao lado dele até que na estrada da Charneca a visinhança da noite tornasse mais nitido o trepidar dos automoveis.

E nunca mais a varanda teve horas de solidão, nem a sua sombra era já sombra de tristeza e angustia.

Maria Luiza enlevava, com a sua frescura, com a sua graciosidade, a propria monotonia do tempo — e a sua boca possuia o condão de abrir todos os açudes do riso.

Dir-se-ia voluvel, buscando, como os colibris, apenas o mel na flôr das coisas, mas as suas palavras eram sempre rociadas de ternura — humidas como os seus olhos.

E a ouvil-a Carlos esquecia-se de si mesmo, partilhava já da conversação e anestesiava-se da sua incognita dôr.

Transformara-se: — não o incomodava agora o ruido, e pouco a pouco, sem que ele proprio o notasse, o espirito tornava-se sensivel a novos ritmos, ás orquestrações exteriores, emquanto ia esmorecendo a monotonia intima dos ultimos mezes.

E algumas tardes, os paes, ao vêl-o assim, em agradavel convivio com Maria Luiza, trocavam um sorriso intencional — um sorriso que era uma predicção, feita com o prestigio e sabedoria que lhes dava a experiencia da vida e as palpitações de muitos corações humanos que eles haviam auscultado.

E a mãe, mais terna, e vendo, como mulher, a situação em todos os seus detalhes, pensava:

— Que importa que seja a Maria Luiza, se foi ela quem o salvou, trazendo com a sua alegria esse balsamo que havia de cicatrizar ocultas e ignoradas chagas? Que importa que seja ela, se tem bom coração e se a sua alma nos é familiar desde o tempo, já longinquo, em que eu lhe trazia dôces de Lisboa e logo lhe roçava os labios com um lenço, para que neles não ficasse pó de assucar! É certo que nos sacrificamos para dar ao Carlos uma educação apurada, que o notabilisasse na vida; é certo que ele pode com o valor social que lhe dá a sua profissão, conquistar uma dessas mulheres formosas, que aliam á sua beleza o ouro com que se realisam muitas aspirações, mas é certo tambem que a primeira a descerrar-lhe os seus braços fez dele esse enfermo, esse ser doente e apatico que só agora, sob o sol que ha nos olhos de Maria Luiza, principia a restabelecer-se...

Assim pensava a mãe, abrindo o seu coração ao amôr e fechando o cerebro aos sonhos do triunfo social de Carlos, que outrora a deslumbravam. E sorria a si propria, sorria ante o desdobramento dos seus proprios pensamentos e tinha já para Maria Luiza palavras maternaes e frases de segunda intenção, como se ela fosse verdadeiramente a eleita para nora, aquela que devia dar os novos fructos da arvore familiar.

Carlos observara isso convencido de que fora ele, com o seu procedimento junto de Maria

Luiza, que levara a mãe aqueles raciocinios, enchia-se de inquietude.

Compreendia, ao sondar a sua alma, sentia, ao ver Maria Luiza, que a amava, mas amava-a sem veemencia, sem essa nobre paixão que não hesita ante nenhuma muralha, nem mesmo que seja a da morte.

O seu amôr era insulado de entusiasmo, caracterisando-o apenas uma grande ternura e devia ser como esses amores sem arroubos, placidos, tranquilos, das ligações duradouras, amores conformados com todas as facetas da vida e que ao longo da vida marcham até á velhice, até ao sepulcro.

Na sua alma estava embutida ainda a alma de Rosalia e Maria Luiza tinha a prejudica-la os anos da infancia, já distantes, já envoltos em saudade, anos de que ele compartilhara, dia a dia — quasi hora a hora.

E não guardava dessa convivencia uma recordação romantica, a mesma que tinha para as arvores, para os caminhos, para tudo que fora scenario do seu assombro ante a revelação gradual da vida...

Via ainda, nos seus instantes de ensimesmamento, por detraz da Maria Luiza que lhe falava agora, ludibriando a lentidão das horas, essa outra Maria Luiza que brincara com ele, quando creança, que brincara até ao conflicto, até ao amúo de alguns dias. E vinham pormenores, detalhes

penosos: — uma tarde em que ela caira, ferindo-se e empastando o rosto com sangue e pó, para em seguida quedar-se a chorar grotescamente; uma outra tarde em que ela tivera palavras agressivas de garota plebeia, porque ele se negava a deixal-a brincar com um papagaio multicôr, de fio longo, que subia muito, muito—e que constituia o seu orgulho de então...

Isso amesquinhava agora as recordações do seu convivio infantil com Maria Luiza—isso e aquela visinhança mantida durante muitos anos pelas duas familias.

Para ele Maria Luiza não tinha misterios, não possuia o encanto da mulher que se encontra sem a identidade dos dias vividos — a mulher que em cada palavra traz uma revelação, em cada gesto uma surpreza, a mulher que é um mundo a percorrer, uma ilha ignorada onde se espera sempre encontrar estranhos tesouros.

Para ele, Maria Luiza nada tinha de inedito — nada, alem daquela ternura que só agora lhe descobrira, e daquelas virtudes sãs, que só agora se lhe revelavam.

Amava-a, sim; sentia que a amava, ali, na varanda hospitaleira, onde ela era uma mancha de côr, um vulto para amistosos coloquios — mas sentia tambem que amaria uma outra mulher, que fosse um pouco mais alta do que ela, que tivesse os labios um pouco mais grossos, os olhos enigmaticos;

que fosse fascinante, arrebatadora — uma languida espiral de sonho. Ele nem sabia bem qual era o tipo dessa mulher, não sabia onde o encontrar—e ignorava mesmo se existiria. Mas sim, sim, devia existir! E surgia-lhe Rosalia, esfumada, logo tornada elastica, moldavel, como se fosse feita de goma, como se o seu corpo, igual ás *maquettes* de barro dos escultores, se pudesse transformar, sob a vontade dele, em outro corpo...

Num estranho simultaneismo, desejava viver entre duas piras, uma mui intensa, em cujas labaredas ele se queimasse, abraçado a essa mulher primeira, entrevista desde a sua adolescencia, mulher que tivesse algo de Rosalia, sem ter contudo o seu passado; outra esmorecida, de calor ameno, junto da qual pudesse gosar horas de quietude e enlevo com Maria Luiza, como se estivessem juntos duma dessas lareiras familiares onde ha fogo lento todo o ano — fogo que no inverno se torna mais veemente, para que com os corpos não se esfriem tambem as almas.

Desejava as duas, aquela que havia idealisado e esta que a vida lhe ofertava — e se podia renunciar á segunda para viver enebriado com a primeira, com essa que estava ainda entre as nubloses da utopia, ainda incorporea, ainda irreal, não podia resignar-se a viver para sempre com uma só, matando em sua alma a secreta aspiração de morrer amando a outra...

E a mão incerta das suas hesitações ia tateando os estados de alma, á procura duma resolução, como se procurasse premir ao longo dum corredor escuro, o botão que faz jorrar a luz.

E arrependia-se das manifestações de carinho que viera manifestando nos ultimos dias por Maria Luiza. Arrependia-se, por ver que ela o amava, com um amôr mais intenso e integro do que o dele; amava-o e esse amôr era-lhe transmitido castamente, pudicamente, pelos olhos dela, pelo tom das suas palavras e pela mudança das suas atitudes, agora já não estouvadas, mas languidas, com a morbida languidez de toda a verdadeira sentimentalidade.

Mas logo, honestamente, ele se conjurava pelo seu arrependimento. Ela era bôa, era pura — e era digna de ser amada. Contudo, ele hesitava em chancelar pela palavra o estado do seu espirito, hesitava em confessar-lhe o seu amôr e outras vezes chegava a crear ambiente para essa confissão, que um oculto receio de novo retinha.

E assim revivia a inquietude de dias já passados, longe, mui longe...

Mas essa inquietude salvava-o, dando-lhe fremencia aos nervos, quebrando definitivamente a apatia em que ele até ali vivera.

E a varanda deixou de ser o bucolico refugio da sua alma enferma. Volveu á cidade, aos amigos, aos meios artisticos, á sua vida — e só á noite

agora regressava a casa, sob o peso do seu sonho de renovador arquitectonico, que ele julgava para sempre morto. Regressava sentindo que em seu redor os seres e as coisas vibravam com uma nova musica.

VIII

Naquela noite, então, as arvores, as ruas, as janelas iluminadas, os veículos que passavam velozmente, tudo, tudo, tinha para ele um encanto novo, não descoberto até ali.

A sua alma enobrecia-se sob um ritmo triunfal e os seus passos eram mais certos, mais fortes, como se ele pisasse já o terreno da victoria.

E com perspectivas diferentes, Lisboa emergia da sombra, como para saudar a sua passagem de vencedor.

Na Avenida da Liberdade, ao cimo, ele deteve-se um instante. Era ali que ia levantar-se da terra, erguer-se sob a varinha magica do seu talento, o edificio cujo projecto lhe haviam confiado nessa mesma tarde. Era ali, na Avenida da Liberdade, que ele ia encontrar campo livre para a semente da sua arte, não revelada ainda.

E alegrava-o até o destino que teria o edificio: — um *stand* para automoveis, onde ser-lhe-ia mais facil justificar e apresentar as linhas arquitectonicas que ele idealisara como precursoras dum movimento renovador.

Nada mais propicio para a experiencia do que um *stand,* que era uma creação moderna, templo onde se recolhiam as diafanas e alucinantes cabeleiras da velocidade e onde o motor, deus do seculo, tinha seus organs de ritmos mecanicos, estrepitosos como a sua propria epoca. Nada mais propicio do que um *stand* para ele realisar uma arquitectura sobria, austera, mas não pesada — uma arquitectura moderna em que as curvas produziriam novos efeitos e os volumes geometricos dariam surprezas virgens.

E entusiasmava-se, certo de que conseguiria realisar o seu sonho sem nenhuma transigencia, certo de que pelo proprio caracter do edificio poderia colocar no projecto toda a sua personalidade da vanguarda, sem que isso o malquistasse com o proprietario do *stand,* que por ele ser um novo lhe fizera a encomenda com reservas, pois temia que o trabalho resultasse demasiado extravagante...

E agora, na noite constelada, ele contemplava com enebriamento o tapume forrado de cartazes que ocultava a terra onde o edificio se construiria — e pouco a pouco, ante os seus olhos contentes,

esse edificio ia-se erguendo altivamente, até ombrear com os visinhos, até dominar pela sua feição estranha, pela sua belesa inedita, a todos eles. E para sempre ficaria ali, na grande arteria, a clamar o seu nome — a impol-o aos transeuntes surpreendidos.

Sonhava Carlos e foi com alvoroço, com os nervos perturbados, que ele se meteu num *taxi* em demanda da sua casa.

Sentia necessidade de repartir com alguem a intima satisfação, sentia desejos de que outros achegassem os labios á taça da sua alegria—taça cheia de espuma, de espuma que vinha subindo, subindo, até lhe humedecer os olhos, comovidamente.

Os paes aguardavam-no, para jantarem, e quando ele lhes comunicou essa sua primeira conquista, que seria ponte para todas as outras, os dois velhos vibraram sob denso jubilo e logo a mãe, dentro do unico circulo onde a vida se lhe revelava, perguntou:

— E ganharás muito dinheiro com isso, Carlos?

— Sim, sim; não é mal pago...

Respondera, mas fizera-o com tristeza, sentindo que os paes estavam junto dele a envolvel-o com todos os mantos do carinho, sim, mas inaptos para compreenderem e se entusiasmar com a unica parte que ele considerava nobre, elevada, no caminho do seu triunfo o culto artistico.

E isso fel-o perder a loquacidade — fel-o reentrar nas alamedas sombrias, proprias para triturar longas ideias, do seu costumado mutismo.

Mas quando terminavam o jantar, alguem bateu á porta — alguem cujo bater de todos os dias, á mesma hora, lhe denunciava a identidade.

— A Maria Luiza. — E Helena levantou-se e foi abrir.

E á porta as duas se quedaram um instante: — a irmã de Carlos murmurando e a sua amiga a escutar...

— Bravo! Bravo! — E sinceramente entusiasmada, Maria Luiza correu para a mesa, voou, a espargir felicitações.

Logo se interessava pelo projecto, pelas caracteristicas que Carlos lhe daria; falava em estilos arquitectonicos, empregava palavras tecnicas e ante cada resposta dele tinha uma outra pergunta — uma pergunta que era quasi uma opinião...

E quando ele lhe disse que ia realisar uma obra da vanguarda, onde a sua personalidade ficaria marcada, não por essas assinaturas que os cinzeis gravam em estreitas pedras que o tempo pode corroer, mas sim em todo o edificio, que por sua singularidade gritaria o nome dele como unico, ela refloriu em novo entusiasmo — e falou das tendencias modernas da arte, com as quais se mostrava familiarisada, para evidenciar depois a sua confiança no trabalho de Carlos.

Ele escutava-a com um sorriso — um sorriso-reposteiro a ocultar a sua surpreza. E tambem os dois velhos se admiravam daquele turbilhão de conhecimentos — e a mãe de Carlos olhava-a atentamente, seguindo-lhe todos os gestos, como se duvidasse de que aquela Maria Luiza fosse a mesma que ela vira creança, ali, na visinhança... Só Helena mantinha uma expressão de ternura — fraterna, cumplice.

— Parece-me que quem merece felicitações é você, pela sua cultura... — galanteou Carlos.

E o velho acrescentou:

— Eu ia dizer a mesma coisa...

— Disse muitas asneiras?

— Não, não; que ideia!

— Afinal não é nada de novo... Foi nos seus livros que aprendi... Temo-los lido, eu e a Helena, estas tardes que você não esteve em casa...

Ante estas palavras, já suspeitadas, Carlos comoveu-se por compreender que a Maria Luiza só por ele lhe podiam interessar aqueles livros tecnicos, profissionaes, que ele vinha adquirindo — uns necessarios ao estudo da sua arte, outros para relacional-o com as ultimas manifestações da arquitectura no estrangeiro.

Só por ele essa Maria Luiza, que dir-se-ia voluvel, se debruçara sobre aquelas paginas, decifrando a sua terminologia, retendo pormenores,

confrontando juizos, como se ela tambem estivesse predestinada a sacerdotisa daquele rito artistico.

Só por ele...

E seus olhos tornaram-se humidos, para fital-a com meiguice...

E pensava:

—Afinal, entre os que me rodeiam, ela é a unica que me compreende, que tortura o cerebro para me compreender; ela é a unica digna de compartilhar nobremente os meus entusiasmos, os meus triunfos, quando á noite eu regressar a casa, trazendo, como hoje, um inesquecivel trofeu!

E logo, por instintivo confronto de atitudes, pensou na que tiveram os paes, vendo da sua victoria somente a parte material. Mas bendisse esse gesto, porque lhe recordava agora que ele podia tambem ter um lar confortavel — podia tambem juntar á sua a existencia de Maria Luiza...

E mais tarde, no seu gabinete, ante o papel em branco que ia desdobrando, para no dia seguinte iniciar o projecto do *stand,* ante esse papel que seria como uma acta do seu duplo triunfo, quando ele o tracejasse, confessou:

—Simpatiso muito contigo, Maria Luiza...

Ela olhou-o, estranhando a mudança de tratamento. Depois, procurando dispersar com a volubilidade das palavras a bruma da emoção:

— Porquê? Por eu ter tido a coragem de ler os seus catrapacios?

— Não... Agora falo seriamente...

IX

— E o portador espera a resposta.

Carlos estendeu a mão e com ela o olhar, para o envelope que a irmã lhe entregava. E logo se quedou indeciso — as ideias e as sensações cruzando-se, multiplicando-se como numa teia.

E Helena contemplava-o, tambem em espectativa, muda e surpreendida por aquela atitude.

Por fim ele leu a carta, uma carta-suplica de Rosalia, que o chamava desde o Avenida Palace, onde o aguardava impacientemente, febrilmente, e até onde viera na ancia de encontra-lo, de tornar a vêl-o, de lhe entregar de novo os seus labios rubros.

Quando acabou a leitura, Carlos, nervosamente, querençosamente, exclamou:

— Não tem resposta! Dize que não tem resposta!

Helena saiu do gabinete, a passo lento, esperando ainda essa ultima palavra, esse ultimo gesto

de mediocre humanidade, que ha sempre por detraz das fortes resoluções e das frases imponentes.

Mas ele nada mais disse.

Hirto, grave, encostado ao cavalete, quedou-se a meditar — a esvair a surpreza, a imprevista noticia.

Ela estava, então, em Lisboa? Mas como soubera onde ele morava? Como...

Desdobrou novamente a folha de papel — e voltou a lêl-a...

Não, não transigiria!

Mas esta resolução, imposta pela vontade, oscilava, marcava no seu espirito o movimento duma pendula — não, sim; não, sim...

E ele perdia-se numa longa serie de raciocinios e emoções antagonicas. Predominava, porem, a comoção, a piedade por aquela mulher que o vinha procurando desde longe, trilhando quem sabia que desolados, tristes e saudosos caminhos! Porque ele adivinhava, ele presentia, que ela o amava — que ela não podia viver isolada do seu convivio...

Mas não; não iria...

E nervoso, cruzava o gabinete, alheio a tudo — fixas nos olhos as taxas amarelas duma velha cadeira que ali estava, povoada de papeis.

Não iria...

Se transigisse, compreendia-o bem nessa hora dolorosa, com a sua transigencia, romper-se-ia

aquele estado voluptuoso e entusiasta de seu espirito, volvido para o triunfo da sua Arte e para o carinho de Maria Luiza.

E a imagem desta, sob o sortilegio da evocação, roçou suavemente as suas pupilas. Mas logo, a afastal-a, vinha a imagem de Rosalia... Como se encontraria ela, áquela hora, no Avenida Palace, entre malas por abrir — e que talvez mesmo não chegassem a ser abertas em Portugal?... E como o seu coração sangraria, quando o portador da carta lhe dissesse que não trazia resposta alguma, nem mesmo a dum desengano!

E ele via-a — reconstituia-a... Os seus grandes e enigmaticos olhos, humidos pela neblina da distancia; os seus labios grossos, veementes, de ardencia tropical; o seu colo decotado, agora arquejando sobre a dôr oculta...

Mas não; não iria...

Afinal ela era uma luxuriosa, apenas uma luxuriosa... E o seu amôr escondia o germen das fatalidades inexoraveis.

Logo, sob a mariposa negra e esvoaçante desta ideia, a sensibilidade de Carlos se encrespava e volvia a sentir a antiga despersonalisação: — os pés fundindo-se em veredas de algodão em rama, o corpo mui leve, a vontade bruxoleando e ele e o outro, o morto, transformados apenas em duas *silhouettes* sobrepostas...

Não, não transigiria! — resolveu, fechando ner-

vosamente as mãos e impondo ao espirito, com violencia, o seu querer.

E descerrou totalmente a janela do gabinete, como se ao abrir para os seus olhos uma maior nesga de ceu, nela procurasse a calma perdida.

E tentou, depois, recomeçar o trabalho. Debruçou-se sobre a prancha, sobre o papel já traçado, de lapis em punho e de olhos atentos.

Mas não podia; não podia!

E de novo vinha a tortura. Não deveria ir á parte baixa da cidade, á sua mesa do café, aos seus amigos que se reuniam, pela tarde, no Martinho... Ela talvez estivesse á janela do seu quarto, talvez fosse a sair do hotel, ou a entrar, ou a atravessar a rua — e então, ao vêl-o, ao encontral-o... E quem sabia se ao informar-se da sua morada, não lhe haviam dito que ele frequentava tambem, á hora crepuscular, o café Martinho?

Desistiria de ir ao Café...

E de novo tentou trabalhar. Mas debalde reagia: — a atenção não se fixava, o pensamento não se irmanava á atenção — peregrinava longe, ao acaso, abstratamente...

E as horas iam passando em sua ronda lenta.

E ao meio da tarde, a mãe, surpreendida por vêl-o ainda no gabinete, emoldurou-se na porta, interrogando:

— Não saes hoje?

— Eu? Ah, não! Tenho de trabalhar...

— Queres, então, tomar alguma coisa?

— Não, não; obrigado!

E as suas palavras denunciavam o desejo de solidão — o desejo de que não o importunassem.

Mas quando o dia fechava os seus reposteiros azues sobre a grande alcova da noite, Carlos, impotente, orfão de espirito, sem haver traçado uma só nova linha do projecto, veio para a varanda, estender-se na cadeira de lona, envolver-se de silencio — como antigamente, quando estava enfermo...

X

E em todos os outros dias a mesma tortura, o mesmo sofrimento dessas horas vividas em Chipre, quando já se aproximava do poente o seu enlevo por Rosalia...

Ela escrevera-lhe muitas outras cartas. Chamava-o, implorava a sua presença — a dadiva de alguns minutos, o balsamo de alguns momentos de convivio. Essas cartas vinham razas de humilhação e em cada uma das suas palavras dir-se-ia brilhar uma pupila que tentava atrail-o, vertendo lagrimas, ardentes, escaldantes de desespero.

Mas ele, inflexivel, repetia:

— Não tem resposta...

E uma vez que sentira desejos de interrogar o portador sobre a vida de Rosalia, extrangulara a pergunta na garganta e sufocara a ancia na alma.

E um dia recorrera a um expediente, a uma indignidade, que a ele proprio revoltava, mas que a situação lhe impunha como tentativa de morte áquela atroz fascinação.

— Quando vier esse homem que me traz cartas, digam-lhe que eu saí de Lisboa, que fui para o estrangeiro... — pediu á familia.

Compreendia que a inteligencia de Rosalia não aceitaria como verdadeiras aquelas palavras, mas esperava que ela, ante essa ultima atitude, renunciasse, num assomo de orgulho, a possuil-o de novo.

Mas as cartas, então, tiveram o correio por intermediario...

Carlos já não as abria. E o seu primeiro gesto foi o de rasgal-as. Deteve-se, porem, ao sentir que humilhava assim perante si proprio, humilhava na ausencia, a Rosalia. E ele não desejava humilhal-a inutilmente, porque não a odiava — ele apenas desejava fugir-lhe, desejava não a amar...

E corajosamente atirava-as para uma gaveta — com o lacre intacto, vivo, vermelho, como esses labios que o aguardavam, persistentemente, anciosamente, num quarto de hotel...

E já não procurava trabalhar, sentindo que era

inutil á sua arte qualquer esforço que tentasse fazer.

E para ludibriar as horas, para afastar o entorpecimento antigo, dava passeios matinaes, deambulava pelas azinhagas proximas, frias e silentes, essas azinhagas em cujas curvas parece sempre espiar uma cabeça enigmatica. E á hora vesperal aumentava a perambulação e vinha pela estrada da Ameixoeira afora, muitas vezes até proximo do Lumiar, detendo-se, porem, no caminho, a contemplar a vastidão panoramica, com o parque da Pena erguendo-se ao fundo, ponteagudo, como se fosse recortado em papelão e envolto numa neblina arcoirisada ; com o vale, ladeado pela estrada de Loures e encimado por Odivelas — visão evocadora de amores conventuaes e frases deliquescentes murmuradas ás almas das monjas, de serenatas despertando o sono da noite por todos aqueles caminhos... Isolado na primeira inclinação da grande bacia, um minusculo cemiterio — alguns ciprestes num alegrete quadrado, branco, muito branco. E á esquerda, em cima e mui proximo, o Paço do Lumiar — a casaria surgindo de entre o arvoredo e as pétalas metalicas dos extractores de agua movendo-se lentamente sob a brisa sinfonica.

Por vezes Maria Luisa e Helena acompanhavam-no nessas deambulações e quando regressavam a casa era certo que nos olhos da mãe de Carlos passava, repetidamente, esta palavra, que

neles adquiria um sentido angustioso: «Então?»

Sabiam-no de novo doente — mas calavam, calavam.

Só a mãe de vez em quando murmurava:

— Essa mulher! Essa maldita!

Ela reconstituira tudo, saltando os lapsos que a sua imaginação e os vagos informes obtidos do homem que trouxera as cartas, não conseguiram preencher. Ela reconstituira tudo e sofria mais por isso — e o proprio marido, a quem elucidara, andava tambem preocupado e o seu sorriso de tranquilidade era forçado e doloroso, para fingir que ignorava e para respeitar o silencio do filho. Mas ante essa atitude de inexoravel recusa, tomada por Carlos desde o inicio, eles esperavam silenciosamente que a sombra se afastasse da sua casa.

Só Maria Luisa avaliava do estado d'alma de Carlos, pela indiferença, pela abstracção que agora tinham as palavras dele; e como a flotilha das suas interrogações, ao remontar as origens daquela situação, só encontrava o misterio, ela atribuia essa conducta do homem amado, á orfandade de amor — e sofria mais do que os outros e seus olhos perolados de lagrimas eram, no isolamento do seu quarto, olhos de heroina de tragedia antiga, a quem laceraram o coração.

E só agora, ante o pego onde via emergir o bergantim dos seus sonhos de amor, só agora, ao pressentir os passos do Irremediavel, ela, ainda

como essas heroinas antigas, compreendia que amava muito a Carlos—que o amava loucamente.

Ele, porem, andava proscrito de toda a observação—volvido apenas para as intimas paisagens, convulsas sob a ventania da tragedia e recortadas em claro-escuro.

Continuava a martirisal-o o saber que ali proximo, no centro da cidade, separada somente pelo rio petrificado de algumas ruas, uma outra alma anelava a sua—e sofria e sofria, em longa espectativa.

Mas um dia o correio deixara de trazer as cartas habituaes. E outro e outro e outros dias se passaram, sob um silencio inquietante. Então, a imaginação de Carlos entrou em pleno creacionismo. Ter-se-ia ela ido embora, ofendida, por fim, com o impiedoso desdem que ele mostrara? Iria a essa mesma hora, em qualquer expresso europeu, deixando que ante seus olhos nublados pela tristeza, se desenrolasse a pelicula panoramica das margens da linha-ferrea? Ou seria antes um tranzatlantico que a levaria para longe, para muito longe, talvez para a terra nativa ou para novos continentes, em eterno sonho errante, pesquisando com a lampada ofuscante da sua belesa, o homem que pudesse derramar uma gôta de amor sobre os seus labios sedentos?

E ele via-a, pisando o convez, debruçando-se na amurada, fechando de quando em quando, com

tedio, o livro que debalde tentara ler — fechando-o para pensar nele, para o evocar constantemente, saudosamente...

Via-a assim, a perder-se na distancia, no misterio — e não pôde resistir... Foi á gaveta e escolheu entre as cartas recebidas, a ultima — e abriu-a, na esperança de que nela Rosalia lhe revelasse a dolorosa rota que ia seguir.

Mas não. Nessa carta, como em todas as outras, que Carlos leu a seguir, ela pedia-lhe, imploravalhe, sem variação de ideias e quasi com as mesmas frases, com a monotona persistencia das grandes obsessões, que ele fosse vêl-a, que lhe fosse dar a inenarravel volupia da sua presença.

Carlos sentiu-se ludibriado, desiludido. Mas de novo o inquietava aquele silencio de Rosalia. Conservar-se-ia ela em Lisboa ou teria partido, pagando-lhe, enfim, com essa atitude a crueldade dele?

Preocupava-se, desesperava-se e ás vezes percorria anciosamente os jornaes, com o receio de encontrar ali a noticia dum suicidio, de algo fatal — de algo que ele não precisava o que seria...

Uma manhã, porem, ao graduar na janela a luz do seu gabinete, teve uma crispação nervosa e logo dali se retirou, logo dali fugiu, a esconder-se, covardemente...

Tinha visto, lá em baixo, ao fundo do tunel que as arvores formavam, a Rosalia, que espreitava, que observava a sua casa...

Ele, então, deixou-se cair numa cadeira, os braços estendidos sobre os braços desta, as mãos fortemente fechadas. E quedou-se a esperar... Ela teria dado mais alguns passos, faria agora uma pergunta a qualquer viandante, possivelmente a uma dessas creanças que brincavam na visinhança e obteria por resposta: «Sim, é ali». Ou tel-o-ia mesmo visto... Já vinha... Já caminhava para a sua casa... Olhava mais uma vez a porta, a fachada do edificio... Depois, com o coração palpitando fortemente, o sangue a correr-lhe, desordenado, pela estrada das veias, batia... Helena iria abrir... Esperava agora ouvir essa chamada, logo as palavras trocadas á porta e depois os passos da irmã, que viria prevenil-o...

Esperava com a respiração suspensa, quasi atonito...

Mas o tempo foi decorrendo sob o grande silencio que pairava em toda a casa. E pouco a pouco Carlos volvia á normalidade, aceitava o facto... E formulou hipoteses: Rosalia desejava decerto encontral-o quando ele saisse ou entrasse em casa, encontral-o lá fóra, quando ele não a esperasse... Ha quantos dias duraria aquela espera, ha quantos dias ela viria ali, pacientemente, pertinazmente?

Ah! Mas não, não! Ele nunca mais sairia; não sairia enquanto não soubesse, não possuisse a certeza, de que ela partira, de que ela desistira de tel-o novamente!

Não mais realisaria os seus passeios crepusculares, suas deambulações matinaes, já limitadas ás azinhagas visinhas de sua casa, pela presença de Rosalia em Lisboa...

Mas logo, com o esvair lento das horas, este novo veto que para si proprio ele creara, o maldispunha — irritando-o. Não lhe permitia, então, ser livre, aquela mulher que ele já não amava, aquela mulher que vivia apenas para o fazer sofrer? Era necessario, sim, crear um veto, mas um veto para ela — para ela que o perseguia, que o torturava desde longe!

— Será amanhã! — resolveu.

E quedou-se a alinhar, a separar, a compôr frases convincentes, destrutivas daquele morbido amôr, com as palavras que lhe cachoeiravam na garganta — essas palavras que no dia seguinte ele devia dizer a Rosalia, no quarto do Avenida Palace ou onde ninguem os ouvisse... E monologava e gesticulava até, na solidão do seu gabinete — agora firmemente resolvido a ser cruel por uma só vez.

E na tarde desse dia, supremo entre os foscos dias que para ele haviam passado ultimamente, teve, por necessidade instintiva do seu espirito e para manter viva a resolução de odiar a Rosalia, longos e carinhosos momentos para Maria Luiza — para Maria Luiza que via assim ressurgir esse amôr que ela anelava e que julgara para sempre morto...

XI

— Tá? Ouça: veja se está a hospede do quarto 34... Se estiver, diga-lhe que lhe deseja falar o senhor...

E voltando-se para Carlos, o empregado do Avenida Palace, com o auscultador do telefone interno ao ouvido, perguntou:

— V. Ex.ª tinha dito?...

— Carlos Navarro.

— Olhe: o senhor Carlos Navarro... Sim.

O arquitecto deu alguns passos no vestibulo: — seu olhar roçou um cartaz de companhia de navegação e uma inglesa que ludibriava o seu tedio a ler, num cadeirão de vime. Entrou depois uma mulher nova, suntuosa — russa pelo seu perfil, francesa pelo seu sorriso. Caminhou, orgulhosa, para o elevador. A côr das suas meias e a euritmia das suas pernas, ficaram, sem sentido, nas pupilas de Carlos.

O empregado já interceptava a resposta telefonica:

— Bem... Bem...

E para Carlos:

— Queira subir. É no segundo andar...

O arquitecto olvidou-se até do ascensor: subiu as escadas, lutando intimamente para dar serenidade ao espirito.

E depois, no corredor, seus olhos buscaram as placas — os numeros.

28... 30... 32... 34...

Bateu suavemente. A porta estava apenas encostada—abriu-se logo, pressurosa. E logo tambem, a tirar-lhe qualquer visão do quarto, o corpo de Rosalia cresceu na sua frente. E os braços dela enlaçaram-no, sofregamente, delirantemente. E de seus labios fugiram palavras soltas, exclamações que a alegria engrandecia — fugiram como pombas desvairadas.

— Carlos! Meu amôr! Esperava-te! Ha tanto! Ha tanto! Beija-me! Carlos... Carlos! Que felicidade!

Mas aquilo durou pouco. Hirto, mudo, ele deixava-se abraçar, sem um movimento, sem corresponder ao alvoroço de Rosalia — e era como esses orgulhosos troncos que permitem ás heras que os enlacem, que ás heras dão o seu sangue, mas impassivelmente, altivamente...

Ao vêl-o assim, tambem ela emudeceu. E seus braços cairam ao longo do corpo, como asas exanimes. E recuou para contemplal-o melhor, para o abranger, para o olhar de alto a baixo.

Depois:

— Carlos! Mas é possivel!...

Ele, então, arqueou-se para pousar sobre uma cadeira a bengala e o chapeu. Cerrou tambem a porta e logo, como esse homem que já está livre, livre para revelar o seu pensamento, a sua alma, dispôs-se a falar.

Mas deteve-o a expressão dolorosa de Rosalia.

Seu rosto tinha a lividez das longas macerações; seus labios, esses labios ardentes onde outróra crepitava a fogueira do desejo tropical, estavam agora exaustos, fenecidos, e seus olhos cavos, dilatados, eram dois grandes e tragicos pegos, em cujo negrume morto se reflectia, abismalmente, a estrela duma suplica.

E Carlos extranhou até, por instinto, que os braços dela não estivessem estendidos, num gesto de imploração humilde e desesperada.

Tinha envelhecido:—o arado do tempo lavrara-lhe já a epiderme, junto da boca e das palpebras. Envelhecera em pouco tempo — e Carlos compreendeu que ela envelhecera a esperal-o, a esperal-o impacientemente.

E de novo ele se comoveu. E soltaram-se-lhe, espavoridas, as palavras com que esperava romper para sempre aquela cadeia, desfazendo com a luz vermelha duma aparente crueldade, o fantasma da sua existencia.

Mas agora não podia. Só a emoção o dominava — os sentimentos triunfavam sobre a vontade, mostrando-se rebeldes ao seu querer.

E em silencio, em angustioso silencio, deixou-se cair sobre uma cadeira.

Pelas janelas, pelos intersticios, chegava até ali, filtrado, o tumulto da rua — o buzinar forte dos automoveis.

E de pé, na sua frente, livida sempre sob o trage negro, Rosalia encarnava a tragedia...

— Já não me amas, então, Carlos? De maneira alguma, de maneira alguma...?

— Não! — respondeu, contrariando-se, impondo o cerebro ao cáos emocional.

— Eu pensei outra coisa, Carlos! Pensei que chegasses austero, zangado, que gritasses, que te indignasses, mas que por fim te vencesse o amôr, a recordação do nosso amôr! Por isso te procurei, esperei, insisti... Mas assim, não! A tua piedade humilha-me...

— Não é piedade...

— Leio nos teus olhos... Afinal, é justo. Eu já não sou a mesma. Agora sou uma sombra... Sim, sim, não digas que não! Foi de esperar-te, Carlos! Ah! Se soubesses! Ter-te perto, saber-te aqui, a dois passos, e não poder ver-te! Olhar para o mundo e vêl-o deserto, porque só tu, só tu existes no mundo! Estarmos proximos da felicidade, da unica, daquela que não encontraremos noutra parte e não poder vivel-a... não poder!

— Cala-te...

Ela obedeceu. Sentou-se silentemente, mecanicamente. E com o rosto apoiado na mão, fitava a porta, fitava-a com um olhar profundo, negro, estarrecido, de sibila.

No corredor ouviram-se passos — e alguem pas-

sou a trautear em francês uma cançoneta picaresca dos *cabarets* parisienses.

Por fim a voz extinguiu-se ao longe, num murmurio, e de novo veio o silencio, denso, forte, dominador.

Sobre a mão palida, diafana, quasi translucida, de Rosalia, uma grande esmeralda adquiria, no ambiente imperante, um sentido de bruxedo, de sortilegio.

— Não queria ser cruel, não queria torturar-te... Passei comtigo os dias mais belos da minha vida... Mas agora não posso... A felicidade que me pedes, seria para mim o sofrimento... Tu não podes compreender, Rosalia, o que representa para mim essa... recordação, esse outro homem que... foi teu marido. É horrivel!

— Amas outra mulher?

Ele não respondeu.

— Eu compreendo... é natural...

— Não é só isso, Rosalia. É a minha sensibilidade, a minha arte... Eu nunca mais poderia trabalhar... Não imaginas como regressei a Portugal!

— É porque não me amavas deveras, Carlos!

— Não falemos nisso. É impossivel que me compreendas... Não pode ser! Amei-te loucamente, loucamente! Deves recordar-te... E para te deixar tive de fugir, como um ladrão. Ainda hoje, que vinha pedir-te para abandonares Portugal, para não perturbares de novo a minha vida; ainda hoje, vês? chego e deixo-me dominar por ti... Falo-te

sinceramente, como a um amigo, como a uma irmã. Nunca nenhuma mulher me dará o amôr, crê, como tu m'o deste... Esse amor exquisito, estranho, de cuja realidade até eu duvidava... Mas já não posso, não posso! Tu trazes contigo uma sombra, a sombra dum outro homem, que me apavora... Quando fugi de Chipre eu era quasi um doido!

Falava compungido e a sua voz, que a dôr tornava profunda, ia verbalisando, detalhando, perante o assombro de Rosalia, o martirio daqueles dias que sucederam á revelação feita por ela, de o amar em homenagem a um morto. Detalhava o martirio, confessava a sua vida de enfermo desde que chegara á casa paterna; denunciava, francamente, honestamente, a existencia dessa Castalia de ternura que emanava do coração de Maria Luisa; salientava o seu triunfo como arquitecto, o sonho vitorioso duma nova arte de que ele seria o percursor—um sonho ao qual a presença dela em Lisboa retardaria, senão impossibilitasse, a definitiva realidade.

Rosalia escutava-o atentamente, os olhos presos aos olhos dele, os labios descerrados, como se não quizesse apenas ouvir, mas sorver tambem, aquele mundo de angustia que se lhe revelava, integralmente.

Ergueu-se, depois, caminhando para a alcova contigua, onde estava o seu leito, cujo reposteiro afastou.

Ruido de frascos entrechocando-se, atrairam para ali o olhar de Carlos.

Sobre o *toilette* as mãos dela encastoavam num tubo de vidro, uma agulha, que logo sorvia o liquido que aquele continha.

E sem uma hesitação, com essa naturalidade que dá a experiencia, a mão direita arrepanhou a epiderme do braço esquerdo e fez a *piqûre*...

A morfina! A morfina! — Carlos via e calava, calava. Para que intervir se já era tarde, para quê, se ela necessitava de sonhar, se ela talvez só assim remontaria, nas faluas duma triste Quimera, o rio, já esvaido, da sua felicidade?

E retirou os olhos da alcova. Ouviu Rosalia pousar a agulha, ouviu-lhe os passos que se avisinhavam, adivinhou-lhe a expressão... Ela estava de novo na sua frente, curvada, o olhar sobre a cabeça dele, E disse:

— Está bem, Carlos... Pela tua felicidade, renuncio á minha. E desejo que sejas tão feliz com essa mulher, como eu o desejava ser... Partirei ámanhã mesmo... Não sei para onde... Mas para longe, para muito longe, para onde não te possa atormentar... Basta que seja eu a sofrer...

E nos seus olhos, como gôtas de orvalho sobre a petala dum lirio negro, estremeciam lagrimas...

Carlos calava ainda. Sentia que o silencio falaria por ele — dizendo aquilo que, sob covardia e piedade, os seus labios não podiam dizer.

Ela achegava-se, debruçando-se sobre os ombros dele, roçando-lhe as faces com as mãos, numa caricia leve e queimando-lhe a epiderme com seu halito. E esmolava:

— Antes, porem, quero-te mais uma vez... A ultima...

Ele, então, ergueu a cabeça — contemplou-a.

— A ultima, Carlos! — gritou Rosalia.

Tantas palavras se escondiam, sinteticamente, nessas poucas palavras, tanto sofrimento passado, tantos anelos vãos, que ele exprimiu em seu rosto a resignação — a triste acquiescencia...

Sofrega, Rosalia sentou-se-lhe sobre as pernas, apertou-o num forte abraço — e os seus labios sedentos de amôr, beijaram-no longamente, doidamente.

Depois, levantou-se e volveu á alcova. Ele levantou-se tambem e seguiu-a, mudo, automatico.

E transpoz a porta que ligava interiormente os dois aposentos.

Na alcova havia uma luz baça, tibia, pesada, como se o proprio sono ardesse em vigilia.

E de novo Rosalia estendeu para ele os labios — esmoleres de amôr.

Mas um estremecimento de Carlos, que agigantava os olhos nas orbitas, a deteve.

Ele tinha visto, sentado proximo do leito, tinha visto como naquela tarde de seu desvario em Chi-

pre, um homem igual a ele, um homem que dir-se-ia ele...

Estava silente, imovel — os olhos pousados no chão, o peito firme, sem um unico arfar...

Então, pela primeira vez, nos labios e nas pupilas de Carlos ziguezaguearam relampagos de odio. Odio para Rosalia, que assim o afrontava. Odio para esse outro eu, para essa sua sombra corporificada, que jazia ali, provocante em seu quietismo...

—Rosalia ria-se dele... — pensou.

E seu cerebro, como um dinamo, fazia estranhas rotações, espelhando figuras sangrentas, imprecisos desejos de vingança. E suas mãos distendiam-se para estrangular... — para estrangular nem ele sabia a quem!

Já não olhava o rival:—os olhos, agora nublados, já não viam; tudo se esfumava em seu redôr, tudo girava, vertiginosamente.

Mas já Rosalia, compreendendo a angustia dele, corria ao leito, apanhava uma colcha, com ela cobrindo o singular personagem. E dizia:

— Incomoda-te o meu manequim? Mandei-o fazer para te ter sempre junto de mim, para que os meus labios possuissem uma ilusão dos teus... Ah! Sem ele já eu me teria suicidado!

Carlos começava a compreender... Simultaneos jactos de luz e nuvens negras, rolando, rolando, variavam a sua atmosfera espiritual...

E com a compreensão principiava a sentir-se grotesco, a sentir asco de si proprio, asco de tudo — sentia as mãos viscosas com essa humidade que deviam ter aqueles labios frios, de madeira? de cêra? de gesso? que Rosalia vinha beijando ha muito tempo já.

Caudaes de piedade e repulsa brotavam da sua alma e iam envolvendo a argentina. Compreendia agora a velhice precoce, as rugas nascidas prematuramente, a desolação daquela alma, o convivio com o fantoche — um fantoche seu irmão, por que fantoche fora ele tambem...

E tudo isso a amesquinhava, tudo isso a metamorfoseava noutra mulher — uma mulher já mui diferente da que ele conhecera, amara e considerara.

E não sabia se devia rir-se, se devia indignar-se. Estava suspenso — orfan de vontade, de resoluções, de sentimentos. Ante os seus olhos, o manequim ampliava-se, crescia até ao tecto, diminuia depois, fundindo-se no soalho — sempre coberto com a colcha azul.

E sob a antiga alucinação, Carlos recuava. Recuava, sentindo que algo de si fôra púido, possuido e usado, á distancia, sem ele o saber, no misterio de noites e dias que uma ampulheta, que não era a sua, regulara. Sua imagem fôra osculada no vidro glacial de ignorados espelhos, fôra osculada na materia daquele manequim; fôra idolatrado em efigie

e vivera com dupla realidade a sua vida e ess'outra vida que aquela mulher, para volupia de suas horas solitarias, lhe creara.

E sentia agora, acumuladas, vindas em turbilhão, essas longas caricias, nas mãos, nas faces; esses longos beijos, febris, interminaveis, que Rosalia lhe dera, sem ele o saber — sem ele o adivinhar... E nesses mesmos beijos, nesse mesmo manequim, confundiam-se, sobrepunham-se, ligavam-se, a sua imagem e a do morto — a do marido assassinado na Argentina longinqua. E quantas vezes ante a recordação do morto, surgido já em esqueleto, ela não cerraria os olhos, para só a ele evocar — a ele que restituindo-lhe o amôr do outro, lhe dava, todavia, o sentido de realidade que esse amôr devia ter?

E no grande desvairamento Carlos apertava os labios, para se convencer de que eles não estavam frios, falecidos, cadavericos, como os do manequim e como os do outro... E estontecido, recuava instintivamente, recuava até á ombreira da porta, para dar um esteio ao seu desiquilibrio sensorial...

Entrava no reino das sombras: via sombras em seu redor, sombras em toda a parte, sombras de si proprio, sombras do morto — uma seara de sombras mui negras, entre a qual se erguia Rosalia, multicolôr, como ceifeira. E uns braços o abraçavam. E uma boca lhe murmurava voluptuosamente: «Pela ultima vez, Carlos...»

Quiz reagir, entregando-se, positivamente, fi-

sicamente, para ter a certeza de que ele era o verdadeiro, o unico — para regressar a si proprio...

Mas não pôde...

E uma das suas mãos, quasi involuntariamente, coleou entre os braços de Rosalia e foi fixar-se no peito dela. Logo essa mão creou energia e afastou, empurrando-a violentamente, a mulher que tentava fascinar o amôr.

Mas Rosalia volveu e a sua voz tinha agora vibrações histericas de cristal. Já não implorava — exigia quasi...

— Dá-me por despedida esse instante que te peço! Tens obrigação de o fazer! Lembra-te de que a tudo renuncio por ti, só por ti...

E em seus olhos morfinicos de sibila, desenhavam-se crueis sensualidades, em seus labios haviam morbideses letaes — e de novo o laço dos seus braços procurava aprisionar a Carlos.

Perdia a sua atitude de dolorosa, a sua figura de sacrificada; todas as linhas se animavam — toda ela fremia sob uma rajada nevrotica.

Mas de novo tambem, Carlos a afastou de si, e desta vez com redobrada violencia, brutalmente, com ambas as mãos — como se deitasse por terra, em louco impulso, uma parede em ruinas.

Rosalia foi tombar na alfombra do tapete, junto ao leito. Levantou-se com orgulho, com dignidade. E no açafate de morbidas rosas que fôra até ali o

seu amôr, deixou cair, pela primeira vez, duas pedras insultuosas:

— Ingrato! Miseravel!

Sua boca tinha agora um *rictus* de desdem, de asco, e em seus olhos havia lagrimas, mas já não eram suplices—eram lagrimas de despeito...

— És indigno de mim! Devia ter-te tratado desde o principio como a esse que conheci em Trouville e que um dia me apareceu em Chipre... Mas já não te amo! Já não te amo, ouviste? Basta-me o amôr deste... Deste!

Correu para o manequim, tirou-lhe a colcha e premiu um dos botões que ele tinha ao longo do dorso, sob o pijama.

A figura animou-se: — pôs-se de pé, descerrou mui ligeiramente a boca e estendeu os braços, para logo os arquer num amplexo...

E abraçada a ele, beijando-o sofregamente e rindo e soluçando com histeria e satanismo, Rosalia disse:

— Já não preciso de ti! Vês? Vae, anda! E não é a ti que eu beijo — que eu amo neste manequim... É ao meu marido, é á sua imagem, é ao meu unico amôr!

Carlos saiu, tropeçando nos moveis, desvairado, atonito. No corredor ainda ouviu, filtrados pela distancia, os soluços e os risos diabolicos de Rosalia.

E na rua, ante a luz meridional, ele teve essa

expressão do homem que acordou dum pesadelo e que procura ainda, extremunhado, a realidade dos monstros que o atormentaram durante o sono.

XII

Em casa, o seu grande desejo era o de proscrever do espirito a farandula das sombras. Tinha a nitida sensação de que regressava dum outro mundo, até onde fôra com a percepção do mundo em que vivia. E agora, em suas pupilas, tudo que ele vislumbrava se confundia. A luz era roxa, os gestos angulosos, os corpos translucidos, os objectos esfumados.

Tentava depurar a alma, desvanecendo os espectros que a povoavam. Sentia a ancia suprema de ressurgir para a vida real, para a normalidade.

E só Maria Luiza lhe aparecia com o poder de realisar esse milagre. Com a virtude de o fazer reentrar nas unicas sendas de morbido sonho que ele queria trilhar — as sendas da sua arte creadora.

Pressentia que quando a beijasse, a ela, que só o amava por ele, verdadeiramente só por ele, a tranquilidade volveria ao seu espirito desvairado.

Pressentia o regresso da sua personalidade, logo que vivesse um amôr por ele proprio inspirado e não essa projecção dum amôr perdido, que vinha de o estarrecer.

E pressentia-o nervosamente, inquietamente...

Compreendia que necessitava do amôr e da vida de Maria Luiza, para unificar de vez a sua personalidade agora desdobrada.

E fremia desejando que o seu panico se extinguisse ao longe, como o eco dum grito na noite.

Dificilmente os sentimentos mais profundos, aqueles que se enraizavam no coração, podiam vibrar sob o tropel, ainda mui vivo, das ultimas sensações. E mesmo que não amasse a Maria Luiza, mesmo que a sua alma não acendesse junto dela todas as lampadas votivas, sentia bem que precisava desse amôr, cheio de pulcritude e bonança... Ela aparecia-lhe agora como uma enfermeira, de inegualavel pureza, como uma dessas mães ante cujo sortilegio emudecesse o ulular das intimas tempestades.

Só a esse amôr simples e cristalino como um regato, ele podia achegar seus labios febris, sem o receio de que a sua imagem, ao reflectir-se, tomasse as proporções da implacavel sombra que o torturava.

Só a esse amôr ele se podia agora entregar, certo de que não seria amado por confrontos, por semelhanças, por partes, mas sim integralmente,

completamente. Seria unico nesse amôr, sem deixar de ser ele...

E desejava-o agora como a um antidoto, a um balsamo — a uma coisa util, indispensavel... Era a unica luz que via agora desde o caminho sinuoso e imerso em trevas que ele vinha percorrendo.

E para ela caminhava inquieto, mas resoluto, já que não o podia fazer arroubadamente.

E sentia que quando chegasse, todas as sombras se dispersariam, todos os espectros seriam estrangulados, o labirinto alargar-se-ia e em cada uma das suas encruzilhadas uma seta recem-colocada indicaria a vereda a seguir...

Queria ressuscitar em si mesmo, olvidando, sob o encanto duma voz querida, a vida dos dias passados...

Era um homem a esbracejar num pelago negro, buscando para agarrar-se o ramo salvador dessas arvores que se debruçam sobre os abismos, como que se quizessem conhecer o enigma das aguas mui profundas.

Mas esse ramo já estava ali... Vinha, como nas outras tardes, percorrer com os olhos, na companhia de Helena, esses livros profissionaes, tecnicos, livros sobre arte arquitectonica, que a deviam ilustrar, que a deviam tornar digna dele...

Vinha com a alma incerta, mudos os labios ante a inquietude que lhe dava o seu amôr...

Alterado, nervoso, Carlos levou-a para a va-

randa e ali vieram as frases convencionaes, mas nunca tão sinceras e verdadeiras como na boca dele.

— Sinto que não posso viver sem ti, Maria Luisa...

Logo a mais simples, mas tambem a mais dificil:

— Queres ser minha?

As palavras, tremulas e inesperadas, denunciavam em seu vôo o tumulto intimo. E Maria Luisa quedou-se a contemplal-o, surpreendida e suspensa sobre uma floresta de interrogações e exclamações.

Mas já ele volvia a dizer, gravemente, dolentemente:

— Para sempre...

— Carlos! Meu amôr!

FIM

O volume imediato
desta colecção é a
empolgante novela

MINHA MULHER

Por

W. Fernandez Flórez

Se o laureado autor espanhol não fosse já um nome querido do publico, esta novela **Minha mulher** *seria bastante para lhe dar todo o destaque.*

Mas W. Fernandez Flórez é na opinião de pessoas desapaixonadas e conscientes superior a Clement Vautel.

Esta novela **Minha mulher**, *que formará o tomo imediato, é uma obra a todos os respeitos notavel.*

Numa prosa corredia, como a propria vida que o ilustre novelista espanhol tão bem observa, nunca o humorismo atingiu tanta maleabilidade nem tanta elegancia. Ao avisinhar-se da farça, o escritor evita-a, transformando-a por vezes numa obra de profunda intenção filosofica, em que o macabro não lembra Poë porque é attenuado pela ironia.

Pleno interesse, plena vida, plena realidade.

É um livro para os homens meditarem e para as senhoras sorrirem, absolvendo-lhe o humorismo. Uma novela para todos, uma novela para ler e reler.

FOI ESTE LIVRO COMPOSTO E
IMPRESSO NA OFICINA «OTTOS-
GRAFICA», CONDE BARÃO, CIN-
: : COENTA — LISBOA : :

PUBLICAÇÕES DO

Diario de Noticias

A NOVELA ACTUAL

Ao apresentar ao publico esta nova colecção, tem esta Empreza em vista pôr ao alcance de todos, em primorosas edições, obras inéditas dos mais consagrados autores portugueses e traduções de todos os escriptores estrangeiros de reputação mundial.

ESTA COLECÇÃO PUBLICARÁ MENSALMENTE UM VOLUME DE 100 PAGINAS, OU MAIS, NITIDAMENTE IMPRESSO EM PAPEL MAGNIFICO, COM CAPA ILUSTRADA POR UM AGUARELISTA NOTAVEL, AO PREÇO DE

ESC. 3$00

VOLUMES EM PREPARAÇÃO

O HOMEM DOS DOIS CORAÇÕES, *de Rocha Martins*
MINHA MULHER, *de Wenceslao Fernández Florez*
NOITE DE NUPCIAS, *de Lourenço Caiola*
A ALMA DE SEVILHA, *de José Más*
O COMEDIANTE FONSECA, *de Blasco Ibañez*
PEDRA NA TORRENTE, *de José Francés*

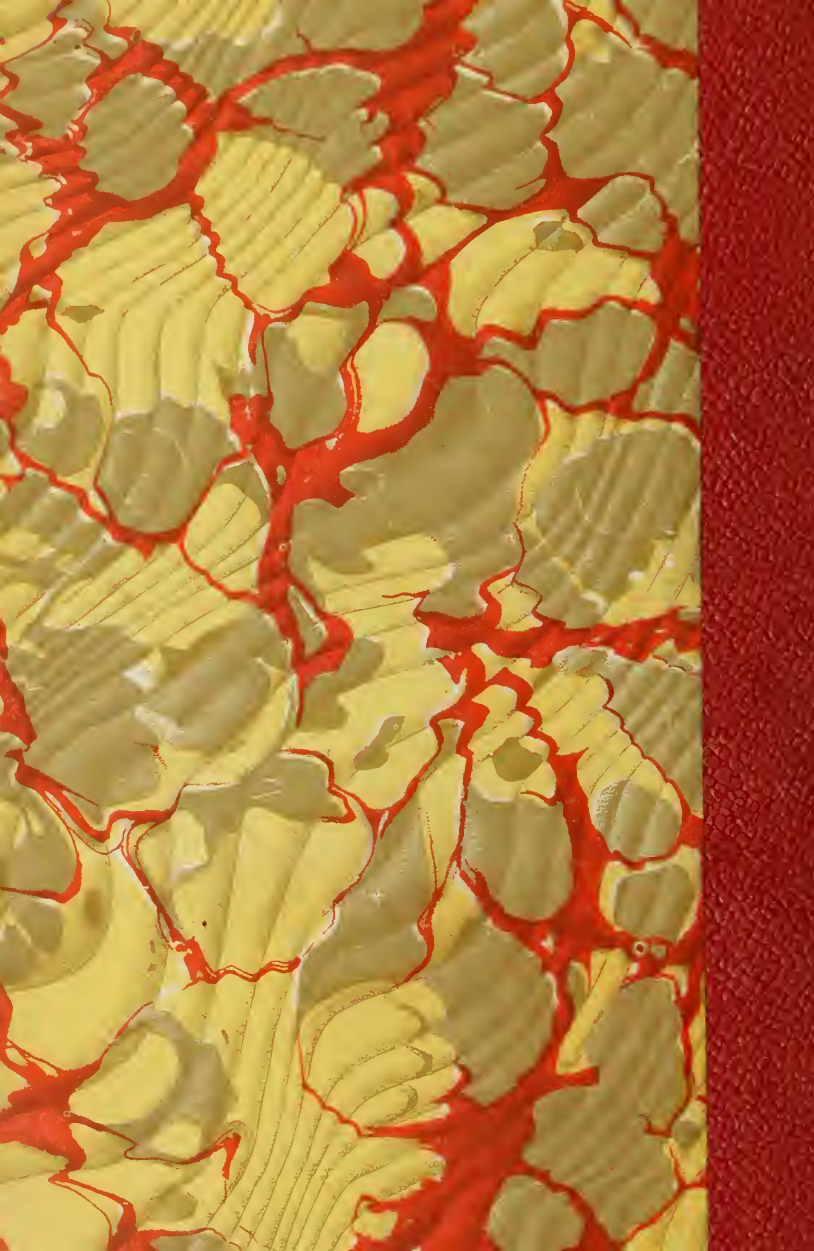
Seguidamente publicará obras de: MARIO DOMINGUES, HENRIQUE ROLDÃO, D. FERNANDA DE CASTRO, PIRANDELLO, LEONIDAS ANDREIEV, HENRY BORDEAUX, FRÉDÉRIC BOUTET, etc.

PEDIDOS Á ADMINISTRAÇÃO DO

Diario de Noticias

PQ 9261 F49D7

Ferreira de Castro, José Maria
O drama da sombra

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY